

Ângela Sofia Tavares Oliveira

**Competências parentais e perceção das dificuldades e
capacidades dos filhos. Um estudo com pais e mães
algarvios.**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2017

Ângela Sofia Tavares Oliveira

**Competências parentais e perceção das dificuldades e
capacidades dos filhos. Um estudo com pais e mães
algarvios.**

Mestrado em Psicologia da Educação

Trabalho efetuado sob orientação de:
Prof.^a Doutora Maria Cristina de Oliveira Salgado Nunes



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2017

Competências parentais e percepção das dificuldades e capacidades dos filhos. Um estudo com pais e mães algarvios.

Declaração de Autoria de Trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Ângela Tavares Oliveira

Copyright por:
Ângela Tavares Oliveira

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

Agradecimentos

A realização de um trabalho desta envergadura só é possível quando há um envolvimento de diversas pessoas. Desta forma, pretendo manifestar o meu sincero agradecimento:

À Universidade do Algarve por me ter dado possibilidade de frequentar o Mestrado em Psicologia da Educação.

À Prof^a. Doutora Cristina Nunes, orientadora de todo este trabalho, pelo apoio e disponibilidade.

A todos os participantes neste estudo, que de forma tão colaborativa e interessada tornaram tudo isto possível.

Às minhas melhores amigas Sara, Tatiana, Manta, Joana e Carolina, pelo constante apoio e motivação, por todas as palavras sinceras de conforto, por todo o amparo, por toda a disponibilidade, por estarem sempre aqui para mim. A cada uma delas um especial obrigada!

Ao Tiago e à Sandra, por serem aqueles colegas incansáveis nas horas do aperto.

Por fim, à minha família por sempre me apoiar, ajudando-me a ultrapassar todos os momentos menos fáceis. Um obrigada em especial à minha mãe por ser o meu maior pilar, por ser a amiga e psicóloga em tantos momentos, pelas palavras de força e coragem em dias mais difíceis, por acreditar sempre em mim, mesmo quando tudo me parecia perdido. Um especial obrigada ao meu pai, também, por ter mantido a paciência por todo este tempo. Este trabalho também é vosso, de coração.

A todos, o meu muito obrigada!

Ângela Tavares Oliveira

Resumo

As competências parentais percebidas são um constructo cognitivo e emocional que se refere aos julgamentos que os pais fazem sobre suas competências para desempenhar tarefas relacionadas com a parentalidade. São um determinante importante do comportamento parental e estão estreitamente relacionadas com o ajustamento e bem-estar infantil.

O presente estudo teve como objetivo analisar as diferenças entre pais e mães nas competências parentais e na percepção das capacidades e dificuldades dos filhos. Participaram 164 pais (85 mães e 79 pais) com uma idade média de 39,15 anos aos quais foram aplicados, através de uma entrevista individual, os seguintes instrumentos: A Escala de Sentimento de Competência Parental, o Questionário de Capacidades e Dificuldades e um questionário de dados sociodemográficos.

Não se observaram diferenças significativas entre as competências parentais percebidas de pais e mães nem na sua percepção acerca das dificuldades dos filhos. No entanto, na percepção das capacidades, os pais pontuaram mais baixo os filhos no comportamento pró-social do que as mães. Não se observaram diferenças nas competências parentais em função da idade e sexo dos filhos, nem ao nível do rendimento familiar. No entanto, as mães com mais idade consideraram-se menos eficazes no exercício parental. Quanto à percepção das capacidades e dificuldades dos filhos, os pais perceberam os rapazes como sendo mais hiperativos e as raparigas como tendo mais comportamentos pró-sociais.

Podemos concluir que quanto mais os pais se percebem eficazes e satisfeitos no seu exercício parental menos problemas de comportamento e hiperatividade relatam nos filhos. A eficácia e satisfação parental são duas dimensões relevantes na parentalidade e deverão ser tidas em conta nos programas de promoção da parentalidade positiva.

Palavras-chave: Competências parentais percebidas, Satisfação parental, Eficácia parental, Problemas de ajustamento infantil.

Abstract

The perceived parenting skills are a cognitive and emotional construct referring to judgments that parents make about their competence to perform tasks related to parenting. Are important determinants of parental behaviour and are closely related to the adjustment and child welfare.

The present study aimed to analyze the differences between fathers and mothers in perceived parental competences and the perception of the competencies and difficulties of their children. Participated 164 parents (85 mothers and 79 fathers) with an average age of 39.15 years to which the following instruments were applied, through an individual interview: Parenting Sense of Competence (PSOC) and Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ) as also a sociodemographic data questionnaire.

The results suggest that there was no difference in the perception of parental skills between parents and in the perception of the difficulties of the children. However, in the perception of abilities, the fathers scored lower on pro-social behavior than the mothers.

There were no differences in parental competences according to the age and gender of the children, nor in the family income level. However, the results confirm that is the older mothers who consider themselves less effective in parental exercise.

According to the perceived abilities and difficulties of the children, the results suggested that the parents perceive the boys as more hyperactive and the girls' daughters as having more pro-social behavior than the boys.

It was concluded that the more parents imply themselves as effective and satisfied on their parental exercise, less problems of hyperactivity behaviour they report on their kids. The efficacy and parental satisfaction are two relevant dimensions on parenting and should be taken into account in programmes to promote positive parenting.

Key words: Parental sense of competence, Parental satisfaction, Parental efficacy, Child problems adjustment.

Índice

I. Introdução	9
II. Revisão da Literatura	11
Capítulo 1 - Parentalidade. Definição e modelos teóricos dos determinantes da parentalidade.....	11
Capítulo 2 - As competências parentais percebidas: Definição do constructo e suas dimensões. Relações das dimensões eficácia e satisfação parental.....	16
Capítulo 3 - Parentalidade e sua influência no ajustamento infantil	19
III. Objetivos	21
Objetivo Geral	21
Objetivos Específicos	21
IV. Metodologia	22
1. Participantes	22
2. Instrumentos	28
3. Procedimentos	31
3.1. Recolha de Dados.....	31
3.2. Tratamento de Dados	31
VI. Resultados	32
Competências Parentais Percebidas.....	32
Diferença na percepção das competências parentais entre pai e mãe	32
Relação entre a percepção das competências parentais e as variáveis “idade da criança”, “rendimentos” e “idade da mãe”	35
Relação entre a percepção das competências parentais e as habilitações literárias dos pais	36
Relação entre a percepção das competências parentais e o sexo da criança	37
Percepção das capacidades e dificuldades dos filhos	38
Diferença na percepção das capacidades e dificuldades dos filhos entre pai e mãe .	38
Relação entre a percepção das capacidades e dificuldades dos filhos e as variáveis “idade da criança”, “rendimentos” e “idade da mãe”.....	40
Relação entre a percepção das capacidades e dificuldades dos filhos e as habilitações literárias dos pais	41
Relação entre a percepção das capacidades e dificuldades dos filhos e o sexo da criança	42

Relações entre as competências parentais percebidas e a percepção das capacidades e dificuldades dos filhos	43
Modelo de Regressão Linear	43
VII. Discussão	45
Analisar as diferenças na percepção das competências parentais entre pais e mães	45
Analisar as diferenças na percepção das capacidades e dificuldades dos filhos entre pais e mães	46
Analisar as relações entre as competências parentais percebidas e as capacidades e dificuldades dos filhos	47
VIII. Conclusões	49
Limitações e futuros estudos	49
IX. Referências Bibliográficas	51
ANEXOS	56

Índice de Tabelas

Tabela 1. Ano de Escolaridade dos filhos	22
Tabela 2. Percentagem de reprovação dos filhos	23
Tabela 3. Dados Sociodemográficos: Números de irmãos	24
Tabela 4. Dados Sociodemográficos: Tempo de Desemprego das Mães	26
Tabela 5. Dados Sociodemográficos: Tempo de Desemprego dos Pais	26
Tabela 6. Distribuição das famílias por escalões de IRS	27
Tabela 7. Descrição da Estrutura Familiar e Família Extensa	27
Tabela 8. Valores do α -Cronbach's relativo ao PSOC	29
Tabela 9. Valores do α -Cronbach's relativo ao SDQ	30
Tabela 10. Correlação de amostras emparelhadas – Subescala “Satisfação Parental”, PSOC	32
Tabela 11. Diferenças no domínio “Satisfação Parental” percecionada por pais e mães	33
Tabela 12. Diferenças no domínio “Eficácia Parental” percecionado por pais e mães	34
Tabela 13. Correlação entre a satisfação e a eficácia parental	34
Tabela 14. Resultados do Coeficiente de Correlação de Pearson entre as variáveis “Idade da Criança”, “Rendimentos”, “Idade da Mãe” e as dimensões do PSOC	35
Tabela 15. Comparação das competências parentais segundo o nível educativo dos pais	36
Tabela 16. Resultados relativos ao Teste <i>Post-Hoc</i>	36
Tabela 17. Comparação das competências parentais de acordo com o sexo dos filhos	37
Tabela 18. Resultados relativos ao Coeficiente de Correlação de <i>Pearson</i>	39
Tabela 19. Comparação das capacidades e dificuldades dos filhos entre mãe e pai	39
Tabela 20. Correlação entre as subescalas do SDQ	39
Tabela 21. Resultados do Coeficiente de Correlação de <i>Pearson</i> entre as variáveis “Idade da Criança”, “Rendimentos”, “Idade da Mãe” e as subescalas do SDQ	40
Tabela 22. Comparação das capacidades e dificuldades dos filhos de acordo com as habilitações literárias dos pais	41
Tabela 23. Resultados relativos ao Teste <i>Post-Hoc</i>	42
Tabela 24. Comparação das capacidades e dificuldades de acordo com o sexo dos filhos	42
Tabela 25. Relação entre as competências parentais percebidas e as dificuldades e capacidades dos filhos	43
Tabela 26. Análise de Regressão das variáveis sociodemográficas, competências parentais e ajustamento psicológico dos filhos	44

Índice de Figuras

Figura 1. Dimensões da parentalidade. Adaptado de Hoghughi (2004).	13
Figura 2. Número de pessoas com quem convivem os filhos	23
Figura 3. Dados Sociodemográficos: Habilitações Literárias das Mães e Pais	24
Figura 4. Dados Sociodemográficos: Qualificação da Profissão das Mães e Pais	25
Figura 5. Dados Sociodemográficos: Estado Civil	25
Figura 6. Mediana das respostas referente à subescala “Satisfação Parental” do instrumento PSOC	32
Figura 7. Mediana das respostas referente à subescala “Eficácia Parental” do instrumento PSOC	33
Figura 8. Mediana das respostas dos pais e mães nas diferentes subescalas do SDQ	38

Índice de Anexos

Anexo I. Questionário	57
------------------------------	----

Lista de Abreviaturas

AEP: Auto Eficácia Parental

PSOC: Parenting Sense of Competence

SDQ: Strengths and Difficulties Questionnaire

SPSS: Statistical Package for the Social Sciences

I. Introdução

O presente estudo insere-se numa linha de investigação sobre Família e Parentalidade e incide sobre as perceções por parte dos pais acerca das próprias competências parentais e das capacidades e dificuldades dos filhos.

A família é o principal contexto de socialização onde se realizam importantes aprendizagens e se transmitem normas, valores morais e sociais. A família é também a principal fonte de apoio para os seus membros e em particular para as crianças e adolescentes, proporcionando o seu bem-estar em diversas áreas como a competência social, o desempenho académico, o desenvolvimento psicossocial e os problemas de comportamento (McLloyd & Wilson, 1992).

É através da família que se desencadeiam os processos evolutivos do indivíduo, funcionando assim como impulsora ou inibidora do seu crescimento não só intelectual, como físico, emocional e social. Desta forma, a família reflete objetivos que se prendem com o processo de socialização dos seus membros, com a proteção e com as condições básicas de sobrevivência (Dessen & Polonia, 2007).

Vista como um sistema social que apresenta um enorme impacto e uma influência bastante significativa nos seus membros, é na família que os indivíduos, principalmente as crianças, adquirem as diferentes formas de existir e de ver o mundo. Assim, a família é considerada um molde para a aprendizagem humana com características muito próprias, gerando também os próprios modelos de relação interpessoal (Dessen & Polonia, 2007).

Presumivelmente, é na parentalidade que se insere o papel mais satisfatório do adulto. No entanto, tanto para a mãe como para o pai, é também o desafio mais exigente que tendem a enfrentar, pois são vários os processos implicados quer a nível intelectual, emocional quer a nível físico (Meunier & Roskam, 2009). No entanto, a parentalidade assume uma forma específica para cada pessoa, tornando-se algo determinante em cada indivíduo que a vivencia (Brites & Nunes, 2010). Associado a cada experiência, surge também sentimentos próprio de quem está a assumir a parentalidade, sentimentos esses que passam também por estar relacionados com a confiança que depositam nas suas próprias capacidades e no exercício da tarefa parental (Brites & Nunes, 2010).

Encontra-se na literatura, referente à parentalidade, diversos termos associados a competência parental percebida. Porém, Brites e Nunes (2010) afirmam que, embora nas últimas duas décadas tenha-se dado especial enfoque ao tema da parentalidade, tem-se

notado uma preocupação em simplificar os conceitos propostos. Assim, Teti e Gelfand (1991) apontam, de um modo geral, todos esses conceitos para a mesma explicação, isto é, descrevem as diferentes abordagens relatando que, de uma forma geral, todas se referem às expectativas que um indivíduo tem acerca das suas capacidades para desempenhar o seu papel parental. Meunier e Roskam (2009) afirmam que as crenças de autoeficácia influenciam tanto a iniciação como a persistência de um determinado comportamento. No entanto, a forma como os pais se percebem eficazes no papel parental nem sempre se mantém estável, podendo ser alterada caso aquilo que determina a tarefa, o processo de desenvolvimento pessoal ou a situação forem, também eles, alterados (Bandura, 1989). Desta forma, o bem-estar dos pais ao ser comprometido está a influenciar diretamente todo o sistema do suporte familiar. Todas as experiências negativas vivenciadas pelos pais, como depressões, conflitos familiares e a infelicidade conjugal afetam negativamente a qualidade de todos os relacionamentos familiares (Stoneman et al., 1989 cit.in Baptista, Baptista, & Dias, 2001).

Segundo Salonen e colaboradores (2009) existem evidências de diversos fatores que podem contribuir para uma diferente percepção da autoeficácia parental. Estes fatores dividem-se, assim, em fatores pessoais como a idade, a educação, o estado civil; em fatores infantis como a maturidade infantil, a saúde e características da criança e por fim, em fatores ambientais como algumas variáveis familiares e apoio social.

Com este estudo pretende-se analisar as relações e diferenças entre pais e mães sobre as competências parentais percebidas e as capacidades e dificuldades dos filhos. Assim, a presente dissertação encontra-se organizada em seis grandes secções. Num primeiro momento é dado destaque à revisão da literatura onde são abordados temas como a família, a parentalidade e a autoeficácia parental, seguida da apresentação dos objetivos gerais e específicos e da metodologia, onde são caracterizados os participantes bem como os instrumentos. Logo após surge a descrição dos procedimentos utilizados, como a recolha de dados e o tratamento do mesmo. Por fim, expõem-se os resultados obtidos, finalizando com a discussão dos mesmos indo de encontro aos objetivos inicialmente estipulados e conclusão dos mesmos, onde são apresentadas as limitações do estudo.

II. Revisão da Literatura

Capítulo 1 - Parentalidade. Definição e modelos teóricos dos determinantes da parentalidade

Segundo a Convenção dos Direitos da Criança (Unicef, 1990), no seu 27º artigo, todas as crianças têm o direito a ter um nível de vida que a permita, de forma adequada, desenvolver-se quer a nível físico, mental, espiritual, moral e social, concedendo aos pais a responsabilidade de assegurar todas as condições de vida necessárias ao bom desenvolvimento da criança. Assim, dos cuidadores/progenitores é esperado que ofereçam condições necessárias às crianças, tornando possível o seu bom desenvolvimento nos diversos níveis (Barroso & Machado, 2010).

Um dos modelos mais utilizados no estudo da parentalidade é o proposto por Belsky (1984), explicando que a parentalidade é influenciada por três fatores: a personalidade do indivíduo, as características infantis e o contexto social (relações conjugais e redes sociais). No entanto, também a personalidade do indivíduo tem por detrás de si um aglomerado de outros fatores a exercer influência. São eles: a história de desenvolvimento dos pais; as suas relações conjugais; as redes sociais; e o próprio emprego. Estes fatores irão influenciar o bem-estar psicológico geral dos pais, bem como o funcionamento dos mesmos, que por sua vez se traduz numa influência no desenvolvimento da criança. Para além de todos estes fatores que fazem ainda parte do modelo inicial, Belsky e Jafee (2006) numa revisão ao modelo vêm destacar a importância da vizinhança e da comunidade na prática do papel parental. Analisando mais em detalhe o porquê da inclusão das características da criança como um fator determinante na parentalidade encontra-se, por exemplo, no estudo de (Huh, Tristan, Wade, & Stice, 2006) referência ao temperamento difícil da criança, isto é, maior negatividade e irritabilidade, que tende a desenvolver nos pais uma atitude e comportamento menos responsivo e por vezes com menor sensibilidade às necessidades da criança. No entanto, Belsky (1984) salienta que não são propriamente as características da criança que vão influenciar a parentalidade por si só, mas sim, a compatibilidade entre as características das crianças e as dos pais.

Um estudo efetuado por Papp, Goeke-Morey e Cummings (2004) veio ressaltar os efeitos prejudiciais de um funcionamento conjugal negativo no bem-estar psicológico

da criança, bem como Houseknecht e Hango (2006) que vieram dar ênfase ao impacto negativo dos conflitos entre pai e mãe não só na saúde física como também na saúde mental da criança. Freisthler, Merritt e LaScala (2006) indo de encontro ao proposto por Belsky (1984; Belsky & Jafee, 2006) salientam a importância que o meio comunitário e a vizinhança têm nos processos da parentalidade, distinguindo o valor da presença da rede de suporte. Desta forma, tendo em conta estes diversos estudos é de enaltecer que experiências de desenvolvimento positivas parecem estar relacionadas com um desenvolvimento estável da personalidade, que irá proporcionar assim um funcionamento familiar também ele mais positivo, dando destaque às relações maritais e às interações entre pais e filhos.

Hoghugh (2004) baseando-se nas propostas de Bronfenbrenner (1979) e de Belsky (1984), criou um modelo integrativo onde constam todos os elementos teóricos relacionados com a parentalidade, distinguindo onze dimensões da mesma, providenciando uma grelha de avaliação que permite avaliar não só as práticas parentais como também as capacidades e competências parentais (Figura 1). De acordo com este modelo, a parentalidade divide-se em três subgrupos: atividades parentais, áreas funcionais e pré-requisitos.

As atividades parentais representam o conjunto de atividades que se destacam como necessárias a uma parentalidade minimamente adequada e têm como objetivo precaver as crianças de adversidades que a possam pôr em risco (Hoghugh, 2004). Desta forma, o primeiro subgrupo - atividades parentais - engloba três dimensões importantes: cuidado, controlo e disciplina e desenvolvimento. No que diz respeito à dimensão de cuidado, também ela se divide entre: cuidado físico, que se reflete na garantia de alimentos, proteção, vestuário, higiene e hábitos de sono; cuidado emocional, do qual fazem parte comportamentos e atitudes que garantem o respeito pela criança como indivíduo, conferindo-lhe oportunidades para que ela própria consiga gerir os seus riscos, fazendo as suas próprias escolhas e desta forma é esperado que se crie uma interação positiva e estável entre a criança e o ambiente, pressupondo uma vinculação segura que a façam arriscar em novas experiências (O'Connor, 2006); e por último, cuidado social, a partir do qual os pais garantem que a criança não se isole daqueles que poderão ser significativos no seu desenvolvimento como os seus pares ou adultos.

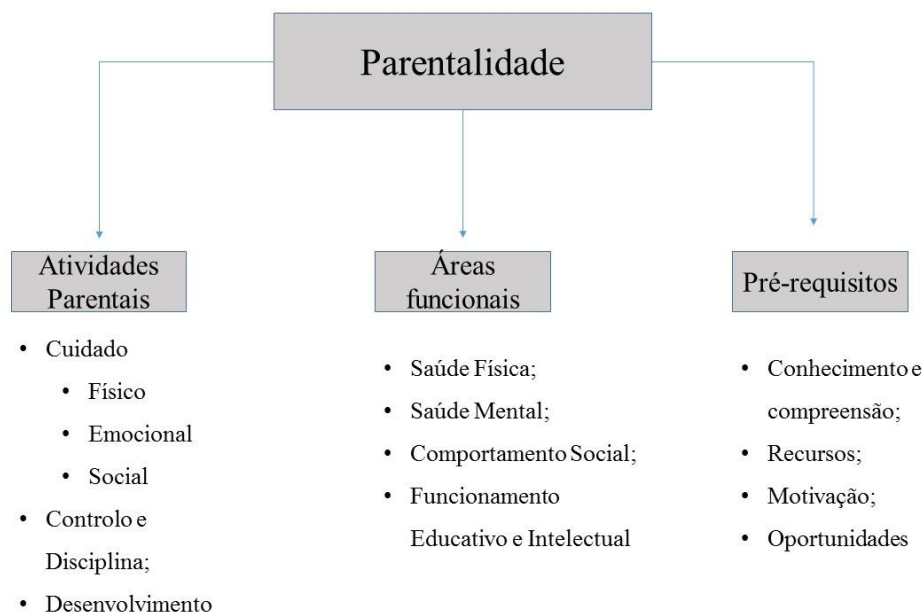


Figura 1. Dimensões da parentalidade. Adaptado de Hoghughi (2004).

A segunda dimensão diz respeito ao controlo e disciplina e é onde se espera que surjam uma série de atividades supervisionadas pelos adultos, onde serão impostos limites e regras à criança, sempre de forma adequada à sua idade, assegurando que os seus comportamentos vão de encontro ao esperado (Hoghughi, 2004).

Como terceira dimensão surge o desenvolvimento da qual fazem parte atividades que têm por base o desejo parental de que a criança seja capaz de ascender a todo o seu potencial, nas suas áreas de funcionamento. Apesar de não representarem atividades fulcrais para a sobrevivência da criança, ou para o funcionamento social, é a partir delas que surgem alguns valores como a honestidade, coragem, respeito, entre outros (Bradley, 2007).

Abordando, assim, o segundo subgrupo que diz respeito às áreas funcionais, salientam-se aspetos do funcionamento da criança que necessitam de atenção parental. Também este subgrupo se divide em quatro dimensões importantes: saúde física, saúde mental, comportamento social e por fim, funcionamento educativo e intelectual.

De acordo com a primeira dimensão “saúde física” são abordados aspetos como a saúde física da criança, as suas necessidades de sobrevivência e a otimização do seu bem-estar. Também aqui, à semelhança do cuidado físico, o foco da atenção parental surge na prevenção de danos providenciando todos os meios para um crescimento positivo (Hoghughi, 2004).

Na segunda dimensão, “saúde mental”, encontram-se áreas como o pensamento, sentimentos e comportamentos exteriorizados pela criança no que diz respeito não só a si própria como aos outros. É aqui que surge a importância dos pais ensinarem os filhos a serem resilientes.

Na terceira dimensão “comportamento social” é descrita pelo autor Hoghughi (2004) a importância que há em os pais enaltecem o comportamento social dos filhos. Desta forma, as crianças serão capazes de desenvolver competências de respostas adequadas em cada um dos seus relacionamentos sociais, dando-lhes as ferramentas necessárias para o bom entender de normas culturais e legais no que diz respeito a pessoas e propriedades.

Como quarta e última dimensão deste subgrupo surge o “funcionamento educativo e intelectual” onde é esperado que os pais desenvolvam tarefas que potenciem a aquisição de conteúdos académicos dando-lhes bases de competências educacionais para a resolução de problemas.

Como terceiro e último subgrupo Hoghughi (2004) engloba no seu modelo os pré-requisitos que são necessários para o exercício da parentalidade. À semelhança do segundo subgrupo, também este conta com quatro dimensões: conhecimento e compreensão, motivação, recursos e por fim oportunidades. No que diz respeito às duas primeiras dimensões estas requerem algumas competências por parte dos pais que serão úteis no reconhecimento das necessidades dos seus filhos durante toda a sua vida, necessidades essas que podem englobar desde um problema na criança até a um aconselhamento positivo. Mas tal só acontece quando os pais têm a competência para compreender o que se está a passar com o seu filho. De acordo com Hoghughi (2004), ser capaz de conhecer e compreender os sinais dos filhos, interpretando-os corretamente e dando-lhes a resposta mais adequada é o caminho certo para a criação de uma parentalidade bem-sucedida. De um modo geral, as duas primeiras dimensões estarão interligadas, de certa forma, pois o mais importante não é só ter-se conhecimento sobre os factos mas também saber transformar esse mesmo conhecimento em ação, caso contrário torna-se num conhecimento sem grande utilidade. Assim, a motivação na parentalidade surge de acordo com os desejos dos pais em direcionar todos os seus esforços para manter ou melhorar as condições de socialização da criança.

Já na terceira dimensão deste subgrupo, Hoghughi (2004) destaca os recursos por ele considerados necessários ao bom desempenho do papel parental. São eles: as qualidades parentais sublinhando-se a abordagem interativa com a própria criança; as

competências parentais, que podem ser alcançadas de duas maneiras distintas, isto é, formalmente através de programas de parentais e informalmente através das suas experiências ou mesmo através da observação a outros pais; as redes sociais no que toca à presença, envolvimento e responsividade dos outros, podendo eles ser amigos, vizinhos ou familiares; e por último os recursos materiais, ou seja, os recursos económicos necessários ao desenvolvimento da criança.

Por fim, como quarta dimensão, Hoghughi (2004) dá destaque às oportunidades, ou seja, enfatiza certos condicionantes que têm grande impacto na parentalidade, como é o caso do tempo que é necessário dispensar para que sejam exercidas da melhor forma todas as atividades parentais, pois o tempo que atualmente é exigido no emprego a ambos os pais acaba por retirar tempo de qualidade entre pais e filhos.

Assim, tendo unicamente como base o modelo da parentalidade proposto por Hoghughi (2004), e observando todas as condições que estão ou deveriam estar presentes no exercício parental, é possível destacar o quão complexo é educar uma criança, pois sendo impossível o desenvolvimento autónomo de uma criança, os pais são assim a sua forma de crescimento (Barroso & Machado, 2010).

López, Quintana, Casimiro, & Chaves (2009) salientam que a tarefa educativa é algo bastante complexo uma vez que tem como objetivo suscitar o desenvolvimento dos menores. Salientam, por isso, que para desenvolver em pleno essa mesma tarefa, os pais necessitam de ter um leque variado de competências que os permitam proteger o menor que têm ao seu encargo bem como apoiar um desenvolvimento positivo.

Capítulo 2 - As competências parentais percebidas: Definição do constructo e suas dimensões. Relações das dimensões eficácia e satisfação parental

Bandura, na década de 1970, introduziu o conceito de autoeficácia, ou seja, a convicção de um indivíduo de que é capaz de realizar determinada tarefa, observando mais tarde, em 1997, que as crenças de autoeficácia são um pilar da percepção de competências parentais (Montigny & Lacharite, 2005).

Segundo Montigny e Lacharité (2005), as competências parentais percebidas podem ser entendidas como as percepções que os pais têm sobre as suas habilidades serem as necessárias no exercício parental, isto é, destaca-se como sendo uma avaliação que cada pai faz individualmente acerca das suas competências e capacidades para desempenhar o seu papel parental (Johnston & Mash, 1989). A competência parental é assim explicada por duas perspectivas: fazendo referência à qualidade do afeto que está associada à parentalidade; ou também ao grau de satisfação percebido pelos pais referentes a esse papel (Johnston & Mash, 1989). A competência parental abarca, assim, duas dimensões uma de cariz mais afetiva (satisfação parental) e outra de cariz mais instrumental (eficácia parental) (Santos et al, 2015).

De acordo com o modelo de Oliver, satisfação é o grau da diferença entre expectativa e experiência, isto é, a satisfação ocorre quando a experiência é igual ou maior que a expectativa (Stallard, 1996).

Bandura faz referência a quatro principais conceitos que juntos formam a base da autoeficácia que surge como antecedente da competência parental: experiências de êxito, experiências vicariantes, persuasão verbal e estado fisiológico e afetivo. É através das experiências de êxito que se assiste a um aumento da autoeficácia, pois são a fonte de informação mais importante no que diz respeito às capacidades e limites dos pais. É através do desempenho positivo de uma determinada tarefa ou trabalho que os pais vão, cada vez mais, percecionando-se como eficazes no exercício parental, pois segundo Gross, Rocissano e Roncoli (1989), mulheres que tenham experienciado positivamente o acolhimento de crianças antes de se tornarem mães era o preditor mais forte de eficácia parental.

O segundo conceito que também impulsiona a autoeficácia é o de experiências vicariantes que remete para a ideia de que o indivíduo ao ter um ponto de referência onde possa avaliar as suas capacidades de conseguir dominar uma situação, para além de estar

a aprender através da observação está também a efetuar uma troca de experiências e competências com outros pais (Bandura, 1997).

A autoeficácia, e por sua vez a percepção de competência parental, é ainda estimulada através da persuasão verbal, uma vez que ao salientarem as capacidades de um pai para determinada tarefa que diga respeito ao cuidado infantil estará a reforçar a crença de que é capaz (Bandura, 1997 citado por Montigny & Lacharite, 2005).

Já no que diz respeito ao estado fisiológico e afetivo este também interfere na criação da autoeficácia uma vez que se os pais não estiverem bem emocionalmente isso irá afetar a visão que têm de si mesmos como bons nos papéis parentais que desempenham. No entanto, um outro fenómeno também está na base da percepção que os pais têm de si próprios: as características dos filhos, pois diversas fontes realçam o impacto que o comportamento das crianças tem nas auto-percepções dos pais. Pais com crianças de temperamento difícil tendem a desenvolver uma baixa percepção de autoeficácia (Cutrona & Troutman 1986, Teti & Gelfand 1991, Halpern & McLean 1997 cit.in Montigny & Lacharite, 2005). No entanto, existem várias pesquisas que comprovam que existe um leque de variáveis psicossociais que podem estar indiretamente relacionadas com as percepções de eficácia dos pais, contaminando o bom funcionamento parental (Montigny & Lacharite, 2005).

Jones e Prinz (2005) vêm fazer referência ao conceito de Autoeficácia Parental (AEP) salientando-o como uma “construção cognitiva potencialmente importante” que está relacionada não só com a família mas também com a criança. Definem AEP como a expectativa que os cuidadores têm sobre a sua capacidade de desempenhar o seu papel parental eficazmente (Jones & Prinz, 2005) assim como também a capacidade de exercer influência sobre a criança e o ambiente fomentando sempre o sucesso (Ardelt & Eccles, 2001 cit. in Jones & Prinz, 2005). Desta forma, Jones & Prinz, 2005 afirmam que a Autoeficácia Parental pode ser vista de diversos modos: como um antecedente, uma consequência, um mediador e como uma variável transacional.

AEP vista como um antecedente é explicado pelo facto de exercer uma influência sobre a competência parental, isto é, os pais com um elevado grau de percepção de autoeficácia tendem a ter mais confiança para adquirir e pôr em prática competências parentais que se tornam também elas mais eficazes. O contrário também se observa. Pais com baixa percepção de autoeficácia tendem a ver o exercício parental como mais difícil, ganhando proporções ainda maiores quando se trata de crianças desafiadoras (Jones & Prinz, 2005).

Na AEP como consequência o mais comum de se encontrar e identificar é a influência do contexto ecológico, isto é, existem diversas variáveis que poderão comprometer ou até mesmo limitar o desenvolvimento da autoeficácia parental, podendo mesmo interferir com a competência dos pais, variáveis essas que estão ligadas aos baixos níveis socioeconômicos e características da vizinhança. Outra variável que poderá também estar na origem do decréscimo da autoeficácia parental é a existência de crianças portadoras de algum problema ou mesmo de uma patologia particularmente desafiadora, como é, por exemplo, o caso do distúrbio de oposição desafiante severo, comportamento delinquente e autismo (Jones & Prinz, 2005).

AEP como mediador vem fazer a ponte, principalmente, entre as variáveis ecológicas e as competências parentais, uma vez que, a título de exemplo, as condições ambientais podem contaminar a confiança dos pais e contribuir para uma paternidade menos eficaz (Jones & Prinz, 2005).

AEP também pode ser vista como uma variável transacional, ou seja, traz consigo a ideia de transação, mudança e ajuste. Servindo de exemplo, os pais com níveis mais elevados de autoeficácia parental possivelmente terão mais sucesso na educação dos filhos, fazendo com que estes beneficiem de melhores resultados indo de encontro às expectativas dos pais, aumentando uma vez mais a AEP, criando assim um modelo de *feedbacks* positivos para ambos. Do mesmo jeito, é possível adequar o oposto. Pais com níveis mais baixos de autoeficácia podem experimentar dificuldades no exercício parental bem como frustração, tendo repercussões nos resultados da criança comprometendo em maior escala a sua autoeficácia como se de um ciclo vicioso se tratasse (Jones & Prinz, 2005).

Como referido anteriormente, existem diversos fatores que estão na base de um nível baixo de autoeficácia parental. Bandura (1997 cit.in Jones & Prinz, 2005) salientou vários desses fatores como por exemplo, uma criança de temperamento difícil, falta de suporte social, depressão parental e problemas de saúde da criança.

Jones & Prinz (2005) afirmam, assim, existir no geral uma forte associação entre a Autoeficácia Parental e as competências dos pais.

Capítulo 3 - Parentalidade e sua influência no ajustamento infantil

Jones & Prinz (2005) defendem que se a autoeficácia parental é importante para os pais, com certeza também o será para os filhos. Desta forma, destacam a importância de se entender qual o papel que a autoeficácia parental tem na adaptação da criança, como por exemplo, no comportamento da criança e no funcionamento sócio emocional. De acordo com Ayala-Nunes, Lemos e Nunes (2014) as competências parentais percebidas terão influência no desenvolvimento das crianças.

Tudo o que concerne à família e com os vínculos estabelecidos através da mesma tem sempre um impacto nos seus membros. Prova disso são os laços afetivos criados no seio familiar, nomeadamente entre pais e filhos. São estes laços afetivos, como por exemplo o apoio parental tanto ao nível emocional como social, que têm uma influência no desenvolvimento saudável dos mesmos, oferecendo à criança uma base sustentada para enfrentar as situações do seu quotidiano (Dessen & Polonia, 2007). Mas se por um lado todos os laços afetivos positivos criam um suporte extremamente útil para o bom desenvolvimento da criança, o que acontece quando os pais experienciam sentimentos negativos face à sua própria família? Um estudo de Volling e Elins em 1998 veio comprovar que quando existe altos níveis de *stress* parental, de insatisfação familiar e alguma contradição nas atitudes dos pais em relação à criança que estas tendem a desenvolver dificuldades em se ajustarem ao meio que as envolve bem como em estabelecer uma interação social (Volling & Elins cit.in Dessen & Polonia, 2007). Também Booth, Rubin e Rose-Krasnor em 1998 pesquisaram acerca do apoio emocional das mães e as consequências que traria na adolescência e na vida adulta e concluíram que a qualidade da relação mãe-criança é transmitida mais tarde para as suas relações com os pares, na escola e no grupo de amigos.

De acordo com a sua pesquisa, Jones & Prinz (2005) faz referência a uma associação da autoeficácia parental com diferentes áreas de ajustamento da criança. Num estudo de Teti & Gelfand (1991) concluiu-se que a autoeficácia parental atua como mediadora da dificuldade infantil, havendo também relação entre a autoeficácia e a competência dos pais. Também no estudo de Coleman & Karraker (2003) foi encontrada uma relação significativa entre o ajustamento da criança e a autoeficácia parental, distinguindo que valores mais altos de autoeficácia parental está associada a valores

também eles mais elevados no entusiasmo da criança, cumprimento de regras, afeição e baixa negatividade.

De acordo com Bogenschneider, Small & Tsay (1997) os adolescentes, filhos de pais com valores de autoeficácia parental maiores tendem a revelar menos problemas de comportamentos e desempenho escolar mais elevado. Também através da percepção dos filhos, Bogenschneider et al. (1997) revelam que os filhos de mães com grande autoeficácia parental, e conseqüentemente um grande sentimento de competência parental, relataram menos comportamentos delinquentes ao passo que as filhas demonstraram procurar mais os conselhos dos pais sobre problemas pessoais. Outros estudos, onde a informação acerca do comportamento da criança é recolhida junto dos pais, afirmam assim, existir uma relação entre os problemas de comportamento infantil e um sentimento de autoeficácia parental baixo (Jones & Prinz, 2005). De acordo com Hill & Bush (2001) mesmo de forma indireta através de práticas parentais, níveis altos de autoeficácia parental parece ter protegido as crianças de desenvolverem ansiedade.

Desta forma, quando um pai apresenta ter níveis mais elevados de autoeficácia parental acaba por transformar isso num potencial aumento das competências parentais (Jones & Prinz, 2005). Concluindo, a literatura sugere que a autoeficácia parental e posteriormente as competências parentais podem estar relacionadas com o ajustamento psicossocial da criança, independentemente de surgirem de forma direta ou indireta, uma vez que uma das maneiras das crianças descobrirem a sua própria autoeficácia passa por ouvirem e verem os seus pais, pois os que apresentem índices de autoeficácia parental baixa expressam dúvidas ou frustrações em relação ao seu desempenho, acabando por afetar o modo como os seus filhos poderão visualizar as suas próprias competências (Jones & Prinz, 2005).

III. Objetivos

Objetivo Geral

O presente estudo tem como objetivo a análise das relações e diferenças entre pais e mães sobre as competências parentais percebidas e as capacidades e dificuldades dos filhos.

Objetivos Específicos

Foram traçados os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar as diferenças na percepção das competências parentais entre pais e mães;
 - a. Analisar se existe relação entre as competências parentais percebidas e as variáveis: idade da criança, rendimentos, idade da mãe, habilitações literárias dos pais e sexo da criança;

2. Analisar as diferenças na percepção das capacidades e dificuldades dos filhos entre pais e mães;
 - a. Analisar se existe relação entre a percepção das capacidades e dificuldades dos filhos e as variáveis: idade da criança, rendimentos, idade da mãe, habilitações literárias dos pais e sexo da criança;

3. Analisar as relações entre as competências parentais percebidas e a percepção das capacidades e dificuldades dos filhos.

IV. Metodologia

1. Participantes

Participaram neste estudo um total de 164 pais e mães que, independentemente da sua configuração familiar, tinham a seu cargo pelo menos um filho com idades compreendidas entre os 2 e os 13 anos.

Os participantes foram selecionados através do método não probabilístico de amostragem por conveniência.

Caracterização dos filhos

Neste estudo observou-se que 52,44% dos filhos dos inquiridos eram rapazes e 47,56% eram raparigas, com uma média de idades de 7,26 ($DP = 3,26$).

Tabela 1. Ano de Escolaridade dos filhos

Ano de Escolaridade	N	(%)
0	34	23,9%
1º Ano	12	8,5%
2º Ano	25	17,6%
3º Ano	7	4,9%
4º Ano	15	10,6%
5º Ano	17	12,0%
6º Ano	21	14,8%
7º Ano	9	6,3%
8º Ano	2	1,4%
Total	142	100%

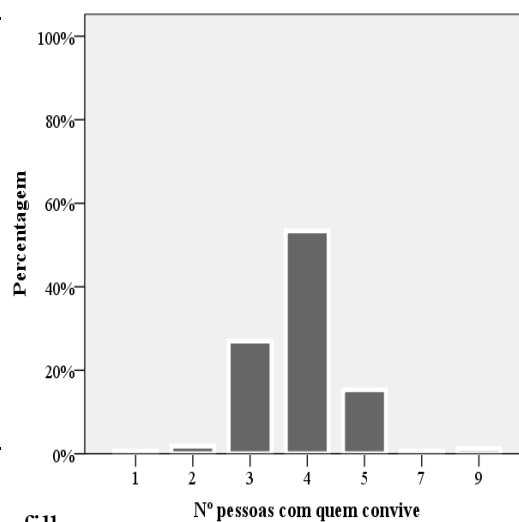
Na Tabela 1 é possível observar que os filhos dos inquiridos frequentavam entre o 1º e o 8º ano de escolaridade. Observa-se que 34 dos 164 filhos ainda não frequentam nenhum ano de escolaridade correspondendo a 23,9% do total. Dos filhos que já se encontram a frequentar a escola 25 deles estão no 2º ano de escolaridade correspondendo à maior percentagem (17,6%).

Tabela 2. Percentagem de reprovação dos filhos

Ano de escolaridade	Reprovou		Total
	Não	Sim	
Pré-escolar	15,0%	0,0%	15,0%
1º Ciclo	1º Ano	0,0%	9,4%
	2º Ano	0,0%	19,7%
	3º Ano	0,0%	5,5%
	4º Ano	0,0%	11,8%
2º Ciclo	5º Ano	2,4%	13,4%
	6º Ano	2,4%	16,5%
3º Ciclo	7º Ano	0,0%	7,1%
	8º Ano	0,0%	1,6%
Total	95,3%	4,7%	100,0%

De acordo com a Tabela 2, constata-se que apenas houve retenções no 5º (2,4%) e 6º ano (2,4%) de escolaridade que perfaz um total de 4,7% ao nível das retenções.

Nº de pessoas com quem convivem	Frequência	Percentagem Válida (%)
1	1	0,6%
2	3	1,8%
3	44	27,0%
4	87	53,4%
5	25	15,3%
7	1	0,6%
9	2	1,2%
Total	163	100%

**Figura 2.** Número de pessoas com quem convivem os filhos

Tal como é mostrado na Figura 2, a maioria das crianças consideradas (53,4%) convive com 4 pessoas em casa, ao passo que 27% convive com um total de 3 pessoas e 15,3% convive com 5 pessoas na mesma casa.

Tabela 3. Dados Sociodemográficos: Números de irmãos

Nº de Irmãos	N	%
0	44	26,8%
1	90	54,9%
2	24	14,6%
3 Ou +	6	3,6%
Total	164	100%

No que diz respeito ao número de irmãos das crianças consideradas é de salientar que tinham em média 1 irmão ($DP = 0,94$).

Caracterização dos pais

A idade das mães participantes varia entre os 23 anos e os 49 anos, tendo uma média de 38,33 ($DP = 5,79$). Já a idade dos pais participantes varia entre os 26 anos e os 54 anos, apresenta uma média de aproximadamente 39,90 ($DP = 5,98$).

Na Figura 3 podemos observar que a maior parte das mães tem o ensino secundário (42,4%) ou o Ensino Superior (41,2%).

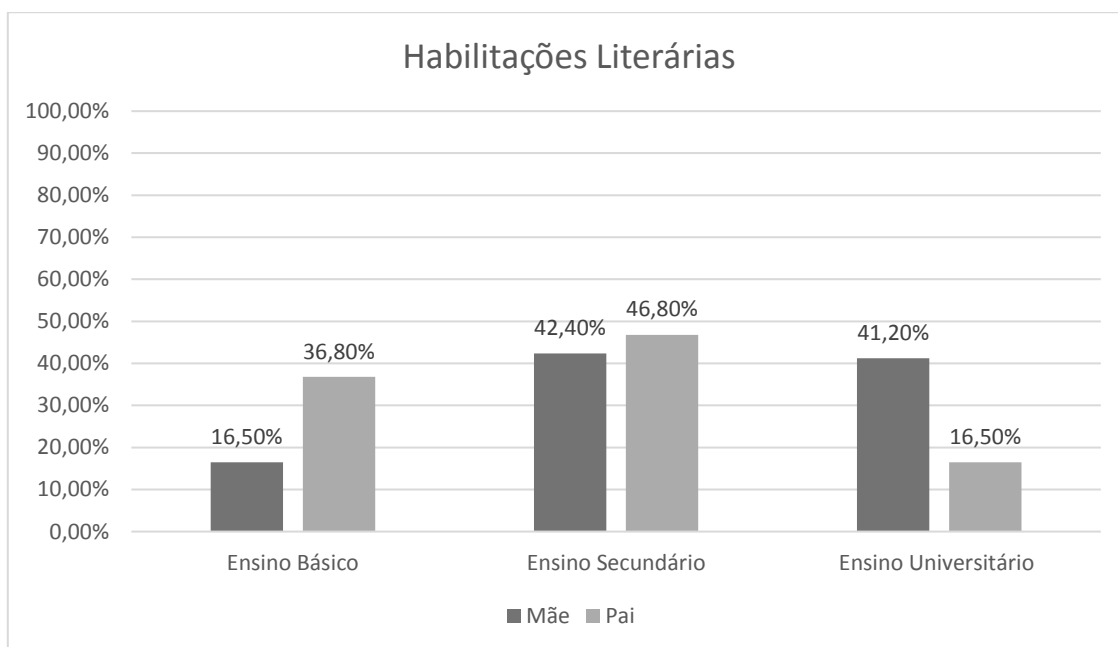


Figura 3. Dados Sociodemográficos: Habilitações Literárias das Mães e Pais

Já no que diz respeito aos pais, é possível observar algumas diferenças em relação às mães. Apesar de também a maior parte (46,8%) ter o Ensino Secundário, a percentagem de pais que tem o Ensino Universitário é bem menor (16,5%).

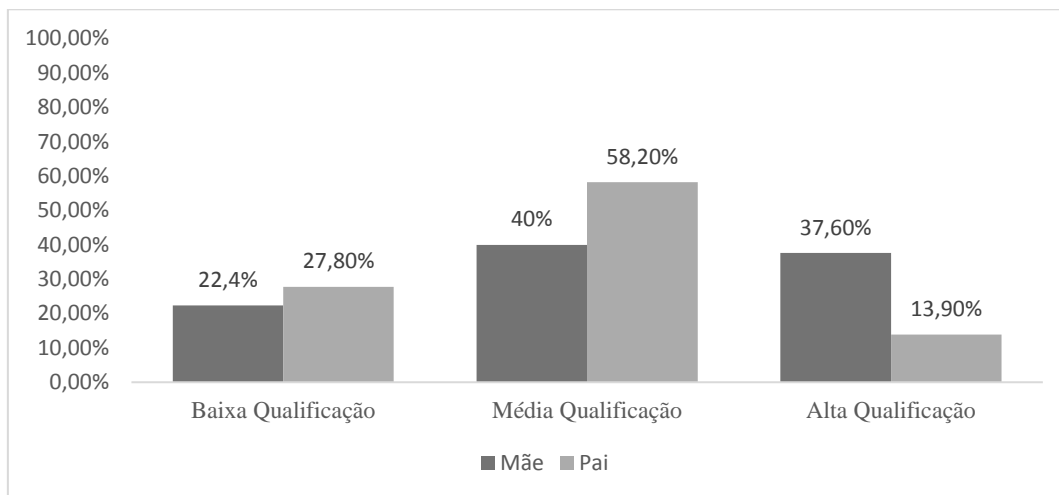


Figura 4. Dados Sociodemográficos: Qualificação da Profissão das Mães e Pais

No que concerne à qualificação da profissão das mães é possível ser observado que a maior percentagem das mães tem uma profissão qualificada como “Média” (40%), no entanto existe 37.6% das mães que apresenta uma profissão de “Alta Qualificação” (Figura 4). Em comparação, conclui-se que a maioria dos pais tem uma profissão de “Média Qualificação” (58,2%). Pais com profissões de “Alta Qualificação” apresentam 13,9% da amostra total e com “Baixa Qualificação” 27,8%.

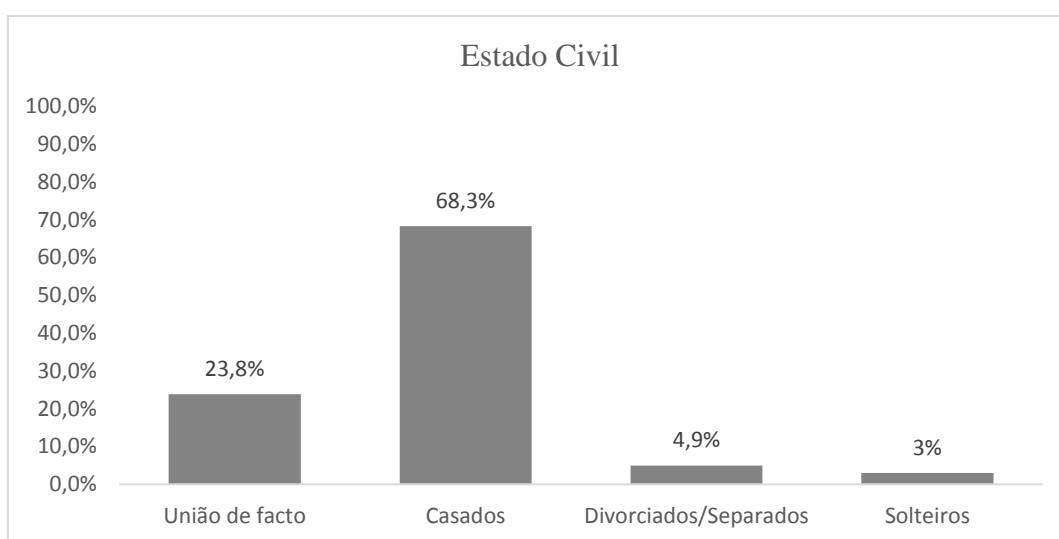


Figura 5. Dados Sociodemográficos: Estado Civil

Respeitante ao Estado Civil (Figura 5) a maioria dos inquiridos é casada (68,3%), seguindo-se os casais em união de facto (23,8%). “Divorciados/Separados” constituem 4.9% da amostra enquanto “Solteiros” são apenas 3% da amostra. Do total das mães inquiridas apenas 2,4% afirma ser imigrante.

Ao nível da nacionalidade dos pais apenas 6,5% tem nacionalidade estrangeira e apenas 3,8% é imigrante. No que diz respeito aos anos a que estão imigrados apenas foi possível obter uma resposta (40 anos).

Tabela 4. Dados Sociodemográficos: Tempo de Desemprego das Mães

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Tempo de desemprego das mães	9	1,00	4,00	2,44	0,8

Tabela 5. Dados Sociodemográficos: Tempo de Desemprego dos Pais

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Tempo de desemprego dos pais	3	1,00	1,50	1,33	0,3

Tendo por base a Tabela 4, no que diz respeito ao tempo de desemprego das mães é possível observar que o tempo de desemprego registado vai desde 1 a 4 anos, tendo uma média de 2,44 e um desvio- padrão de 0,8. Já na Tabela 5, podemos verificar que os pais desempregados apontam um tempo inferior (de um ano a ano e meio) no desemprego quando comparados com as mães, tendo uma média de 1,33 e um desvio-padrão de 0,3.

Caracterização da família

De acordo com as respostas obtidas, os rendimentos da população inquirida apresentam um mínimo de 450€ e um máximo de 4500€, sendo que a média é de aproximadamente 1670€ com o desvio padrão de 712.

Tabela 6. Distribuição das famílias por escalões de IRS

Escalões IRS	N	(%)
Escalão 1	2	1,4%
Escalão 2	79	56,4%
Escalão 3	54	38,6%
Escalão 4	5	3,6%
Total	140	100%
Não responderam	24	14,6
Total	164	100%

Ao nível dos rendimentos (Tabela 6) contacta-se que a população inquirida apresenta-se dispersa nos diversos escalões considerados. No entanto, a maioria (56,4%) encontra-se no Escalão 2 seguindo-se o Escalão 3 com 38,6% da população total, categorizando a população em estudo entre média e média alta.

Tabela 7. Descrição da Estrutura Familiar e Família Extensa

		Frequência
Estrutura Familiar	Monoparental	6,1%
	Biparental	93,9%
	Intacta	90,9%
	Reconstituída	9,1%
Família Extensa	Não	91,5%
	Sim	8,5%

De acordo com a Tabela 7 é possível observar que a população deste estudo tem, na sua grande parte, uma família biparental (93,9%) por oposição às famílias monoparentais que representam 6,1% da amostra total. Também 90,9% das famílias em estudo possuem uma família intacta e apenas 9,1% faz parte de uma família reconstituída. Ao nível da família extensa 91,5% afirma não viver com a família extensa.

2. Instrumentos

Para a elaboração desta dissertação de mestrado foram utilizados dois instrumentos, a *Escala de Sentimento de Competência Parental (PSOC)* e o *Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ)*

Previamente foi entregue aos participantes um questionário de modo a ser possível recolher informação sociodemográfica, bem como informação relativa ao filho sobre o qual recaíam os questionários supra mencionados. Numa primeira parte do questionário inicial foi possível ficar a conhecer um pouco mais o filho do casal através de questões que abordavam problemas de saúde, sentimentos do filho em relação à escola, a toma de medicação bem como o estado emocional frequente da criança (ex.: alegre, triste, birrento, nada birrento, muito chorão, nada chorão). Posteriormente as questões recaíram mais sobre o estado civil dos pais, com quantas pessoas habitavam, se eram imigrantes ou não e as profissões de ambos os progenitores.

- Escala de Sentimento de Competência Parental (PSOC)

Relativamente à Escala de Sentimento de Competência Parental (PSOC) esta foi desenvolvida por Gibaud-Wallston & Wandersman (1978) e, mais tarde, reformulada por Johnston & Mash (1989) retirando-lhe um item dos 17 propostos no início. Nesta versão, a prova consta de 16 itens divididos por duas dimensões: Eficácia (7 itens), que tenta transmitir em que grau os pais se sentem competentes (e.e. “*Eu era capaz de dizer a uma mulher que vai ser mãe pela primeira vez o que tem que fazer exatamente para ser uma boa mãe*”), e Satisfação (9 itens) que reflete em que medida os pais se sentem satisfeitos com o seu papel parental (e.e. “*Se ser mãe fosse um pouco mais interessante, estaria mais motivada para fazê-lo melhor*”). Está organizado numa escala de 1 a 6, sendo 1 “Não, totalmente em desacordo” e 6 “Sim, totalmente em acordo”. No presente estudo iremos utilizar a versão portuguesa adaptada por Nunes, Jiménez, Menéndez, Ayala-Nunes, e Hidalgo (2014).

Tabela 8. Valores do α -Cronbach's relativo ao PSOC

Instrumento	α -Cronbach's
PSOC	
• Satisfação Parental	,68
• Eficácia Parental	,75

Os resultados dos testes de consistência interna (α -Cronbach's) representados na Tabela 8 mostram que existe uma consistência satisfatória em ambas subescalas ($\alpha >,60$).

- Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ)

O Questionário de Capacidades e Dificuldades (*Strengths and Difficulties Questionnaire*, SDQ) foi desenvolvido por Goodman (1997, 2001) sendo posteriormente traduzido e adaptado à população portuguesa por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar (2004) e avalia a percepção parental sobre o comportamento e o desenvolvimento socio-emocional dos filhos, sendo uma medida do ajustamento psicológico infantil. Aplica-se a pais com filhos de idades compreendidas entre os 4 e 16 anos. Está dividido em cinco escalas, onde cada uma é composta por cinco itens (perfazendo um total de 25 itens). Cada item tem três opções de resposta “Não é verdade”, “É pouco verdade” e “É muito verdade”, que posteriormente serão cotadas com 0, 1 ou 2.

O SDQ inclui as seguintes subescalas:

- Escala de Sintomas Emocionais (5 itens – Exemplo: “*Anda muitas vezes triste, desanimado/a ou choroso/a*”);
- Escala de Problemas de Comportamento (5 itens – Exemplo: “*Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras*”);
- Escala de Hiperatividade (5 itens – Exemplo: “*Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos*”);
- Escala de Problemas de Relacionamento com os Colegas (5 itens – Exemplo: “*Tem tendência a isolar-se*”);
- Escala de Comportamento Pró-Social (5 itens – Exemplo: “*É sensível aos sentimentos dos outros*”);

No presente estudo iremos utilizar a versão traduzida e adaptada para Portugal por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar (2004).

Tabela 9. Valores do α -Cronbach's relativo ao SDQ

Instrumento	α -Cronbach's
SDQ	
• Sintomas Emocionais	,64
• Problemas de Comportamento	,61
• Hiperatividade	,77
• Problemas Relacionamento com Colegas	,47
• Comportamento Pró-social	,71

Os resultados dos testes de consistência interna (α -Cronbach's) representados na Tabela 9 mostram que existe uma consistência satisfatória para a maioria das subescalas ($\alpha >,60$) com exceção na subescala de “Problemas de Relacionamentos com Colegas” que apresenta uma consistência interna insatisfatória ($\alpha >,40$).

3. Procedimentos

3.1. Recolha de Dados

A recolha de dados foi efetuada através da aplicação dos instrumentos, anteriormente descritos, por entrevista realizada no domicílio familiar, após ter sido obtido o consentimento informado dos participantes. Foi explicado em que consiste o estudo e quais os seus objetivos, garantindo a total confidencialidade e o devido anonimato no tratamento de dados. Todo o questionário foi preenchido na presença do entrevistador para que fosse prestada ajuda imediata em alguma dúvida que surgisse.

Os instrumentos, mencionados no ponto anterior, foram aplicados individualmente e a recolha de todos os dados foi feita em colaboração com vários investigadores que participam num projeto sobre “A avaliação do contexto familiar” coordenado pela Doutora Cristina Nunes.

Este procedimento teve início em Novembro de 2015 e terminou em Janeiro de 2016.

3.2. Tratamento de Dados

Os dados recolhidos foram analisados através do programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 23.0.0, os quais são apresentados no capítulo seguinte. A utilização deste programa permitiu a realização de uma análise estatística descritiva, de forma a caracterizar toda a amostra em estudo, utilizando não só frequências absolutas e relativas, como médias e desvio padrão, e também valores mínimos e máximos. Também foi possível realizar uma análise inferencial utilizando Testes de Associação como o Coeficiente de Correlação de *Pearson* e Testes de Diferenças como o *Teste t* para Amostras Independentes, *Teste t* para Amostras Emparelhadas e Análise de Variância (ANOVA) Unifatorial. Para analisar em que medida as competências parentais percebidas explicam a perceção das capacidades e dificuldades dos filhos foi utilizado um modelo de regressão linear múltipla hierárquica.

VI. Resultados

Competências Parentais Percebidas

Diferença na percepção das competências parentais entre pai e mãe

No que diz respeito à satisfação parental (Figura 6), as mães apresentaram pontuações muito concentradas em torno da mediana (39) sendo, o percentil 75 de 42 pontos e o percentil 25 de 35 pontos. Os pais apresentaram valores muito semelhantes aos das mães, pois têm uma mediana de 38,5; o percentil 75 de 44 pontos e o percentil 25 de 34. Os valores máximos das mães e dos pais são de 50 e 51 respetivamente, e os valores mínimos de mães e pais são de 26 e 25, respetivamente.

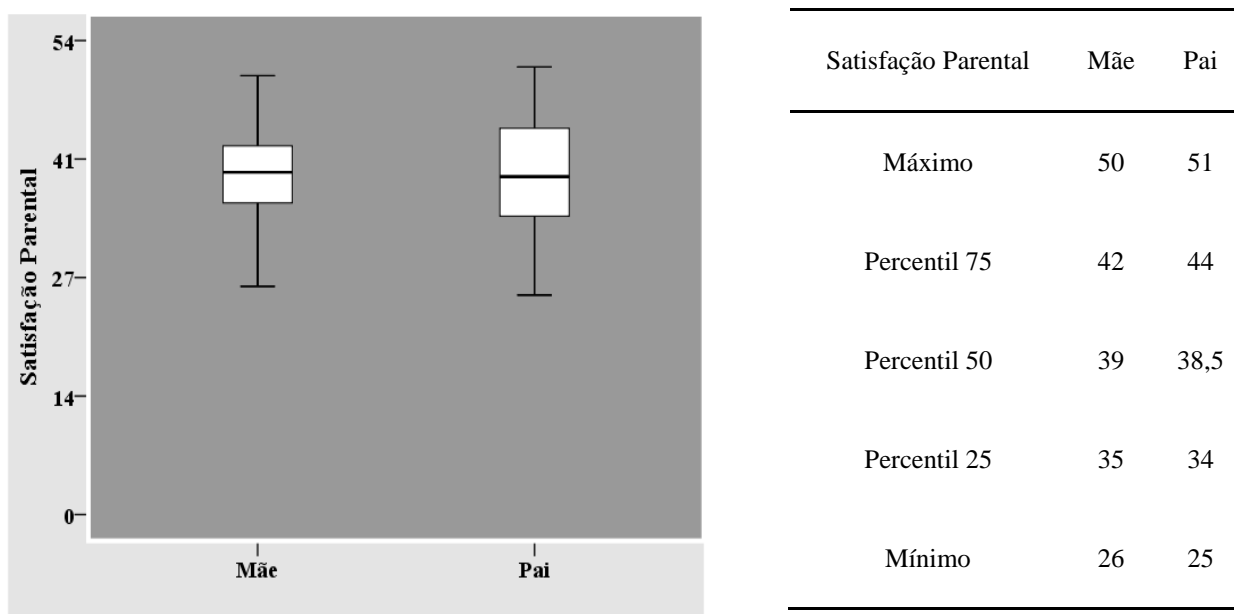


Figura 6. Mediana das respostas referente à subescala “Satisfação Parental” do instrumento PSOC

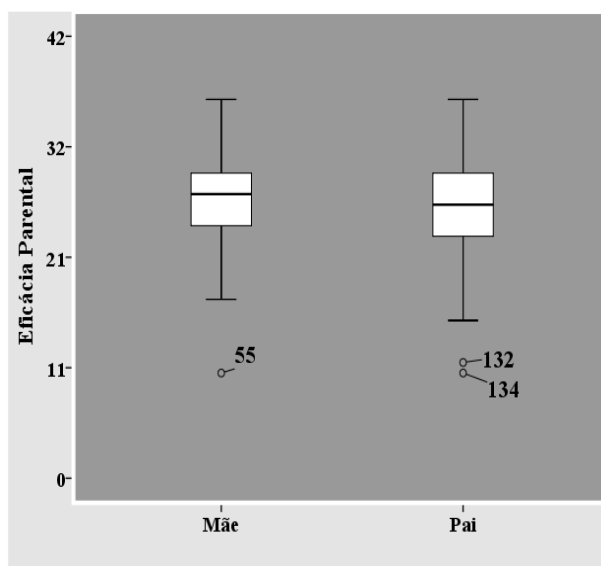
Tabela 10. Correlação de amostras emparelhadas – Subescala “Satisfação Parental”, PSOC

	N	r	ρ
Satisfação da mãe e do pai	75	,54	<,001

Tabela 11. Diferenças no domínio “Satisfação Parental” percebida por pais e mães

	Mãe (N=75) Média (DP)	Pai (N=75) Média (DP)	t ₍₇₄₎	ρ
Satisfação Parental	38,57 (5,34)	38,75 (6,16)	-0,27	,79

Como é possível ser observado na Tabela 10, o coeficiente de correlação entre a satisfação da mãe em função da satisfação do pai com o seu papel parental foi de ,54, com um valor de significância associado de $p < ,001$. Assim, podemos concluir que quando as mães têm maior nível de satisfação os pais também tem um nível mais elevado. A Tabela 11 mostra um teste de comparação de médias entre pais onde a média e o desvio padrão da Satisfação da mãe com o seu papel parental é de 38,6 e 5,34, respetivamente. Estes resultados são semelhantes ($p = ,789$ para $\alpha = ,05$) aos valores atribuídos à Satisfação com o papel parental observado pela perspectiva do pai que apresenta uma média de 38,8 e um desvio padrão de 6,16. Assim, é possível concluir que não há diferença entre pais e mães ao nível da Satisfação Parental.



Eficácia Parental	Mãe	Pai
Máximo	36	36
Percentil 75	29	29
Percentil 50	27	26
Percentil 25	24	23
Mínimo	10	10

Figura 7. Mediana das respostas referente à subescala “Eficácia Parental” do instrumento PSOC

Tal como é representado na Figura 7, referente à Eficácia Parental as mães apresentam uma mediana de 27 pontos, sendo que o total máximo seria de 42. Apresentam um Percentil 75 de 29 pontos e um Percentil 25 de 24 pontos. Uma vez mais, os pais apresentam valores muito semelhantes aos das mães, pois têm uma mediana de 26 pontos, um Percentil 75 de 29 e um Percentil 25 de 23 pontos. No entanto, é de notar que no que diz respeito à Eficácia Parental, tanto nas mães como nos pais existem *outliers*, pois apresentam valores que se afastam excessivamente da parte central da distribuição. Estes *outliers* mostram que existe uma mãe que tem uma perceção baixa da sua eficácia parental assim como dois pais, podendo salientar-se que um dos pais e a mãe são um casal.

Tabela 12. Diferenças no domínio “Eficácia Parental” percecionado por pais e mães

	Mãe (N=78) Média (DP)	Pai (N=78) Média (DP)	t (77)
Eficácia Parental	30,42 (5,01)	29,56 (6,22)	1,56

$\alpha=,05$; $p=,123$

O coeficiente de correlação entre a Eficácia Parental na perspetiva da mãe e a do pai é de ,64, com um valor de significância associado de $p <,001$. Assim, podemos concluir que há associação entre pais e mães ao nível da Eficácia Parental, ou seja, os pais e as mães tendem a responder de forma semelhante na maioria dos casos.

A Tabela 12 apresenta um teste de comparação de médias entre pais onde a média e o desvio padrão da Eficácia da mãe é de 30,42 e 5,01, respetivamente. Estes resultados são semelhantes ($p=,123$ para $\alpha=,05$) aos valores atribuídos à Eficácia Parental observado pela perspetiva do pai que apresenta uma média de 29,56 e um desvio padrão de 6,22. Assim, é possível concluir que não há diferença entre pais e mães ao nível da Eficácia Parental.

Tabela 13. Correlação entre a satisfação e a eficácia parental

	N	r	ρ
Satisfação Parental e Eficácia Parental	161	,26	,001

A correlação entre estes dois domínios ($r = ,26$) mostra que existe uma relação entre a Satisfação Parental e a Eficácia Parental. No entanto, o valor r é fraco. Assim, os resultados mostram que os pais que percecionam uma boa Eficácia Parental também têm uma boa Satisfação Parental.

Relação entre a perceção das competências parentais e as variáveis “idade da criança”, “rendimentos” e “idade da mãe”

Tabela 14. Resultados do Coeficiente de Correlação de *Pearson* entre as variáveis “Idade da Criança”, “Rendimentos”, “Idade da Mãe” e as dimensões do PSOC

	1	2	3	4	5
1- Idade da Criança	-	,06	,58**	,05	,10
2- Rendimentos		-	,17	,13	,12
3- Idade da Mãe			-	-,02	,12
4- Eficácia Parental				-	,26**
5- Satisfação Parental					-

** . Correlação muito significativa para um $\alpha= 0,01$.

A Tabela 14 permite observar como se relacionam as variáveis “Idade da Criança”, “Rendimentos”, “Idade da Mãe”, com as dimensões do PSOC, “Eficácia Parental” e “Satisfação Parental”. Assim, observa-se que apenas existe uma correlação negativa entre a idade das mães e a eficácia parental, isto é, quanto mais idade têm as mães menos se percecionam como eficazes no exercício parental. Existe também uma associação entre as dimensões do PSOC, ou seja, “Eficácia Parental” e “Satisfação Parental”, o que sugere que quanto mais um pai ou mãe se perceciona eficaz ao nível parental também cada vez mais se perceciona satisfeito nesse domínio. No entanto, apresentam uma correlação fraca entre si. Todas as restantes variáveis não indicaram qualquer relação.

Relação entre a percepção das competências parentais e as habilitações literárias dos pais

Tabela 15. Comparação das competências parentais segundo o nível educativo dos pais

	Habilitações Literárias dos pais			<i>F</i> (2,158)	ρ
	Ensino Básico (<i>n</i> =25) Média (DP)	Ensino Secundário (<i>n</i> =69) Média (DP)	Ensino Universitário (<i>n</i> =67) Média (DP)		
Satisfação Parental	36,80 (4,80)	38,09 (5,98)	40,40 (5,50)	4,86	,009
	Habilitações Literárias dos pais			<i>F</i> (2,161)	ρ
	Ensino Básico (<i>n</i> =26) Média (DP)	Ensino Secundário (<i>n</i> =70) Média (DP)	Ensino Universitário (<i>n</i> =68) Média (DP)		
Eficácia Parental	30,42 (4,10)	28,76 (5,53)	31,21 (5,89)	3,51	,032

Perante estes valores da probabilidade ($\rho=,009$; $\rho=,032$), conclui-se que estamos perante diferenças de médias significativas entre os grupos em comparação. Assim, com um $\rho < ,05$ conclui-se que existem diferenças significativas entre pais com o ensino básico, pais com o ensino secundário e pais com o ensino superior ao nível da percepção da satisfação e da eficácia parental.

Tabela 16. Resultados relativos ao Teste *Post-Hoc*

	Habilitações Literárias dos pais		
	Ensino Básico <i>vs</i> Ensino Secundário	Ensino Básico <i>vs</i> Ensino Universitário	Ensino Secundário <i>vs</i> Ensino Universitário
Satisfação Parental	$\rho=,536$	$\rho=,010$	$\rho=,052$
	Habilitações Literárias dos pais		
	Ensino Básico <i>vs</i> Ensino Secundário	Ensino Básico <i>vs</i> Ensino Universitário	Ensino Secundário <i>vs</i> Ensino Universitário
Eficácia Parental	$\rho=,254$	$\rho=,748$	$\rho=,035$

Para uma análise mais aprofundada e, uma vez que os resultados anteriores sugeriram diferenças significativas entre grupos, foi necessário recorrer aos Testes *Post-Hoc* (Tabela 16). O Teste *Post-Hoc* revelou que são os pais com o Ensino Universitário quem relatam mais Satisfação Parental e maior Eficácia Parental do que pais com o Ensino Básico e pais com o Ensino Secundário.

Relação entre a percepção das competências parentais e o sexo da criança

Tabela 17. Comparação das competências parentais de acordo com o sexo dos filhos

	Rapariga (N=78) <i>Média (DP)</i>	Rapaz (N=86) <i>Média (DP)</i>	<i>t</i> (162)	ρ	<i>r</i>
Eficácia Parental	30,77 (4,70)	29,37 (6,19)	1,61	,109	,13

	Rapariga (N=75) <i>Média (DP)</i>	Rapaz (N=86) <i>Média (DP)</i>	<i>t</i> (159)	ρ	<i>r</i>
Satisfação Parental	38,75 (5,46)	38,94 (6,02)	-0,21	,831	,02

De acordo com a Tabela 17, conclui-se que não há diferenças significativas nem ao nível da Eficácia Parental ($t(162) = 1,61, \rho = ,109$) nem ao nível da Satisfação Parental ($t(159) = -0,214, \rho = ,831$) percecionada pelos pais independentemente de o seu filho ser do sexo feminino ou masculino.

Percepção das capacidades e dificuldades dos filhos

Diferença na percepção das capacidades e dificuldades dos filhos entre pai e mãe

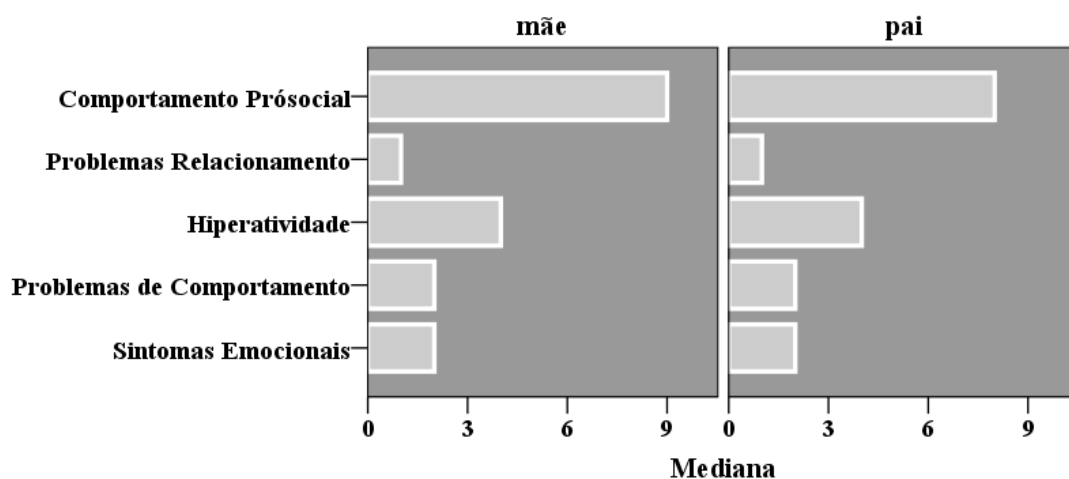


Figura 8. Mediana das respostas dos pais e mães nas diferentes subescalas do SDQ

Tal como ilustrado na Figura 8, as medianas de respostas entre pai e mãe são iguais em todas as subescalas do SDQ registando diferenças apenas na subescala de “Comportamento Pró social” em que as mães apresentam uma mediana de 9 e os pais de 8.

Tabela 18. Resultados relativos ao Coeficiente de Correlação de *Pearson*

SDQ	N	<i>r</i>	<i>p</i>
Sintomas Emocionais (mãe) & Sintomas Emocionais (pai)	77	,47	,000
Problemas de Comportamento (mãe) & Problemas de Comportamento (pai)	77	,58	,000
Hiperatividade (mãe) & Hiperatividade (pai)	77	,62	,000
Problemas relacionamento com pares (mãe) & Problemas relacionamento com pares (pai)	77	,24	,037
Comportamento pró social (mãe) & Comportamento pró social (pai)	77	,51	,000

Tabela 19. Comparação das capacidades e dificuldades dos filhos entre mãe e pai

	Mãe (N=77) Média (DP)	Pai (N=77) Média (DP)	t(76)	ρ	r
Sintomas Emocionais	2,01 (1,78)	2,03 (1,71)	-0,06	,95	,01
Problemas de Comportamento	2,35 (1,83)	2,27 (1,53)	0,44	,66	,05
Hiperatividade	4,25 (2,45)	4,31 (2,42)	-0,27	,79	,03
Problemas relacionamento com pares	1,53 (1,43)	1,40 (1,45)	0,64	,52	,07
Comportamento pró social	8,35 (1,56)	7,90 (1,89)	2,30	,02	,25
SDQ Total	10,14 (5,18)	10,01 (5,26)	0,23	,82	,03

O *Teste t* de Amostras Emparelhadas mostra que apenas existem diferenças significativas entre as respostas do casal para a subescala “Comportamento Pró-social”, o que corresponde às medianas anteriormente apresentadas.

Tabela 20. Correlação entre as subescalas do SDQ

	1	2	3	4	5	6
1- Sintomas Emocionais	-	,27**	,28**	,34**	,12	,65**
2- Problemas de Comportamento		-	,58**	,28**	-,35**	,76**
3- Hiperatividade			-	,19*	-,28**	,80**
4- Problemas de Relacionamento com pares				-	-,35**	,57**
5-Comportamento Pró social					-	-,31**
6- SDQ Total						-

** Correlação muito significativa para um $\alpha=0,01$.

* Correlação muito significativa para um $\alpha=0,05$.

A Tabela 20 mostra uma relação negativa entre o Comportamento Pró Social e as seguintes subescalas: Problemas de Comportamento ($r = -,35$), Hiperatividade ($r = -,28$), Problemas de relacionamento com os pares ($r = -,35$) e QCD total ($r = -,31$). Todas as subescalas relacionam-se positivamente à exceção dos Sintomas Emocionais e o

Comportamento Pró-social. Assim, é possível concluir que quanto mais os pais afirmam que os seus filhos têm um elevado Comportamento Pró Social menos percecionam o seu filho como tendo Problemas de Comportamento, Hiperatividade e Problemas de relacionamento com os pares.

Relação entre a perceção das capacidades e dificuldades dos filhos e as variáveis “idade da criança”, “rendimentos” e “idade da mãe”

Tabela 21. Resultados do Coeficiente de Correlação de *Pearson* entre as variáveis “Idade da Criança”, “Rendimentos”, “Idade da Mãe” e as subescalas do SDQ

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1- Idade da Criança	-	,06	,58**	-,16*	-,28**	-,25**	-,17*	,26**	-,31**
2- Rendimentos		-	,17	-,16	-,07	-,18*	-,23**	,09	-,22**
3- Idade da mãe			-	-,15	-,23**	-,23**	-,15	,25**	-,28**
4- Sintomas Emocionais				-	,27**	,28**	,34**	,12	,65**
5- Problemas de Comportamento					-	,58**	,28**	-,35**	,76**
6- Hiperatividade						-	,19*	-,28**	,80**
7- Problemas de Relacionamento com pares							-	-,35**	,57**
8- Comportamento Pró social								-	-,31**
9- SDQ Total									-

** . Correlação muito significativa para um $\alpha = ,01$

* . Correlação muito significativa para um $\alpha = ,05$

A Tabela 21 permite observar como se relacionam as variáveis “Idade da Criança”, “Rendimentos”, “Idade da Mãe”, com as subescalas do SDQ, “Sintomas Emocionais”, “Problemas de Comportamento”, “Hiperatividade”, “Problemas de Relacionamento com os Pares” e “Comportamento Pró-social”.

Desta forma, foi possível ser observado que existe uma relação negativa entre a “Idade da Criança” e “Sintomas Emocionais” ($r = -,16$), “Problemas de Comportamento” ($r = -,28$), “Hiperatividade” ($r = -,25$) e “Problemas de Relacionamento com pares” ($r = -,17$). Existe também uma relação negativa entre os “Rendimentos” e “Sintomas Emocionais” ($r = -,16$), “Problemas de Comportamento” ($r = -,07$), “Hiperatividade” ($r = -,18$) e “Problemas de Relacionamento com pares” ($r = -,23$). No que diz respeito à “Idade da mãe” também esta está negativamente correlacionada com “Sintomas

Emocionais” ($r = -,15$), “Problemas de Comportamento” ($r = -,23$), “Hiperatividade” ($r = -,23$) e “Problemas de Relacionamento com os pares” ($r = -,15$). Também o “Comportamento Pró social” relaciona-se negativamente com “Problemas de Comportamento” ($r = -,35$), com “Hiperatividade” ($r = -,28$) e com “Problemas de Relacionamento com pares” ($r = -,35$).

Relação entre a percepção das capacidades e dificuldades dos filhos e as habilitações literárias dos pais

Tabela 22. Comparação das capacidades e dificuldades dos filhos de acordo com as habilitações literárias dos pais

	Habilitações Literárias dos pais			$F(2,159)$	ρ
	Ensino Básico ($n=25$) Média (DP)	Ensino Secundário ($n=69$) Média (DP)	Ensino Universitário ($n=68$) Média (DP)		
Sintomas Emocionais	2,24 (1,76)	2,06 (1,76)	1,87 (1,67)	0,479	,620
Problemas de Comportamento	2,84 (1,93)	2,20 (1,70)	2,12 (1,50)	1,818	,166
Hiperatividade	5,00 (2,77)	4,16 (2,07)	4,04 (2,55)	1,528	,220
Problemas de Relacionamento com pares	2,16 (1,46)	1,35 (1,23)	1,31 (1,55)	3,673	,028
Comportamento Pró social	7,84 (2,08)	8,23 (1,65)	8,07 (1,79)	0,464	,629

Perante este valor da probabilidade ($\rho = ,028$), conclui-se que estamos perante diferenças de médias significativas entre os grupos em comparação no que diz respeito à subescala “Problemas de Relacionamento com os pares” (Tabela 22). Assim, com um $\rho < ,05$ conclui-se que existem diferenças significativas entre pais com o ensino básico, pais com o ensino secundário e pais com o ensino superior nas percepções das dificuldades dos filhos.

Tabela 23. Resultados relativos ao Teste *Post-Hoc*

	Habilitações Literárias dos pais		
	Ensino Básico	Ensino Básico	Ensino Secundário
	vs	vs	vs
	Ensino Secundário	Ensino Universitário	Ensino Universitário
Problemas de Relacionamento com pares	$\rho = ,046$	$\rho = ,048$	$\rho = ,986$

Para uma análise mais aprofundada, e uma vez que os resultados anteriores sugeriram diferenças significativas entre grupos no que diz respeito à subescala “Problemas de Relacionamento com pares”, foi necessário recorrer aos Testes *Post-Hoc* (Tabela 23). O Teste *Post-Hoc* revelou que são os pais com o Ensino Básico quem dizem detetar nos seus filhos mais problemas de relacionamento com os pares.

Relação entre a perceção das capacidades e dificuldades dos filhos e o sexo da criança

Tabela 24. Comparação das capacidades e dificuldades de acordo com o sexo dos filhos

	Rapariga (N=76) Média (DP)	Rapaz (N=86) Média (DP)	t (147)	ρ
Sintomas Emocionais	2,07 (1,89)	1,95 (1,57)	0,409	,683
	Rapariga (N=76) Média (DP)	Rapaz (N=86) Média (DP)	t (160)	ρ
Problemas de Comportamento	2,09 (1,61)	2,42 (1,71)	-1,25	,215
Hiperatividade	3,47 (2,24)	4,92 (2,35)	-4,00	,000
Problemas de Relacionamento com os Pares	1,37 (1,34)	1,53 (1,52)	-0,74	,463
Comportamento Pró-social	8,41 (1,82)	7,84 (1,69)	2,07	,040
SDQ Total	9,0 (5,22)	10,83 (4,93)	-2,29	,023

De acordo com a Tabela 24, existem diferenças significativas nas seguintes dimensões do SDQ: Hiperatividade ($t(160) = -4,00, \rho = ,000$), Comportamento Pró-social ($t(160) = 2,07, \rho = ,040$), e SDQ Total ($t(160) = -2,29, \rho = ,023$). Assim, conclui-se que há

diferenças significativas na percepção dos pais relativamente à Hiperatividade e ao Comportamento Pró-social de acordo com o género da criança.

Relações entre as competências parentais percebidas e a percepção das capacidades e dificuldades dos filhos

Tabela 25. Relação entre as competências parentais percebidas e as dificuldades e capacidades dos filhos

	Sintomas emocionais	Problemas de comportamento	Hiperatividade	Problemas relacionamento com pares	Comportamento pró-social	QCD Total
Eficácia Parental	,04	-,21**	-,22**	,02	,07	-,15 [#]
Satisfação Parental	-,14	-,33***	-,21**	-,15 [#]	,15 [#]	-,30***

* $p < ,05$; ** $p < ,01$; *** $p < ,001$, # $p = ,05$

Na tabela 25 podemos observar que a Eficácia Parental apenas se relaciona significativa e negativamente com os “Problemas de Comportamento” ($r = -,21$), “Hiperatividade” ($r = -,22$) e residualmente com o QCD total. A Satisfação Parental relaciona-se negativamente com os “Problemas de Comportamento” ($r = -,33$), “Hiperatividade” ($r = -,21$), e “QCD Total” ($r = -,30$). Desta forma, conclui-se que quanto mais eficazes e satisfeitos os pais se percecionam menos dificuldades tendem a percecionar nos filhos embora esta relação seja mais forte com a satisfação parental.

Modelo de Regressão Linear

Após a observação das correlações acima apresentadas foi realizada uma análise de regressão linear múltipla hierárquica para estudar em que medida as competências parentais percebidas explicam a percepção das capacidades e dificuldades dos filhos. A variável dependente considerada foi o total das capacidades e dificuldades dos filhos incluindo várias variáveis independentes no modelo, em distintas etapas: primeiramente foram consideradas variáveis relacionadas com a criança (sexo e idade), de seguida considerou-se uma variável relacionada com a mãe (nível de estudos) e por fim, como

terceira etapa, foram utilizadas as variáveis relacionadas com as competências parentais (eficácia e satisfação parental). A tabela 26 vem assim mostrar os resultados do modelo de regressão linear.

Tabela 26. Análise de Regressão das variáveis sociodemográficas, competências parentais e ajustamento psicológico dos filhos

	Ajustamento Psicológico			
	ΔR^2	Mudança em F	β	t
Etapa 1. Variáveis da criança	,10	9,25		
Sexo			,20	2,60*
Idade			-,28	-3,70***
Etapa 2. Variáveis Sociodemográficas	,14	8,17		
Nível de escolaridade da mãe			-,21	-2,86**
Etapa 3. Variáveis das competências parentais	,18	5,03		
Eficácia Parental			,00	0,04
Satisfação Parental			-,24	-3,07**

* $p \leq ,05$; ** $p \leq ,01$; *** $p \leq ,001$

Após a análise da regressão linear múltipla hierárquica, conclui-se que todos os modelos representados na Tabela 26 são significativos. Desta forma, ao introduzir as variáveis da Etapa 1 (sexo e idade da criança) estas apenas explicam 11% da variabilidade do ajustamento psicológico dos filhos, sendo considerados preditores significativos. Ao adicionar, na Etapa 2, o nível de estudos da mãe, a análise revelou que além das variáveis introduzidas inicialmente, também esta constitui um preditor significativo, aumentando para 15% a variabilidade explicada. Por fim, ao introduzir as variáveis respeitantes às competências parentais (etapa 3) a variância explicada aumentou para 20%, no entanto destaca-se apenas a Satisfação Parental como preditor significativo.

VII. Discussão

Os resultados obtidos serão discutidos neste capítulo de acordo com os objetivos específicos delineados inicialmente.

Analisar as diferenças na percepção das competências parentais entre pais e mães

No que diz respeito ao domínio “Satisfação Parental” não existem diferenças significativas, isto é, afirma-se que a percepção de pais e mães é semelhante com uma correlação significativa que reforça a semelhança de sentimentos entre eles. Também no domínio “Eficácia Parental” conclui-se que pais e mães percebem-se de forma semelhante, não existindo assim diferenças significativas nas percepções de ambos. Também os domínios do PSOC estão positivamente relacionados entre eles, isto é, quando os pais têm uma boa percepção da sua Satisfação Parental também tendem a ter uma boa percepção da sua Eficácia Parental. No entanto, os resultados sugerem que poderá existir outros fatores que contribuam para a Satisfação Parental. Desta forma, o facto de não existirem diferenças entre pais e mães pode dever-se ao facto de que, nos dias de hoje, os papéis parentais não serem tão reservados a um dos membros do casal pois existe uma maior participação de ambos no desenvolvimento da criança.

Já no que diz respeito à percepção que os pais têm das suas competências parentais de acordo com o sexo dos filhos é possível afirmar que independentemente de o filho ser do rapaz ou rapariga a Eficácia e Satisfação Parental não se alteram, o que vem de encontro aos resultados encontrados na literatura. Salonen et al (2009) no seu estudo afirmam que o sexo dos filhos não tinha influência estatisticamente significativa na percepção dos pais, bem como Meunier & Roskam (2008) que também não encontraram diferenças significativas.

Analisando o domínio Eficácia Parental com a variável “idade da mãe”, os resultados também apontam para uma correlação negativa sugerindo que quanto mais idade têm as mães menos eficazes se consideram no exercício parental. Este resultado vem, também ele, de encontro à literatura encontrada, pois Ferreira et al. (2014) afirmam que as mães mais velhas, participantes do seu estudo, tendem a perceberem-se como menos eficazes.

Os resultados demonstraram não haver qualquer relação significativa entre a idade da criança e a percepção das competências dos pais. Meunier e Roskam (2008) afirmam

que no seu estudo houve diferenças na perceção das competências parentais consoante a idade da criança. Assim, contrariamente aos resultados apresentados no presente estudo, Meunier e Roskam (2008) afirmam que os pais se sentem mais competentes quando a criança é mais velha (idade superior a 5 anos).

Por último, considerando agora a variável “habilitações literárias dos pais” com os domínios do PSOC foi possível concluir que pais com o Ensino Universitário relatam mais Satisfação Parental e maior Eficácia Parental do que pais apenas com o Ensino Básico e Secundário tal como é demonstrado também por Ferreira et al. (2014) que afirmam que pais com níveis mais baixos de escolaridade são os que se sentem menos competentes e que as habilitações literárias dos pais estão positivamente associadas ao sentimento de satisfação parental.

Analisar as diferenças na perceção das capacidades e dificuldades dos filhos entre pais e mães

Ao nível do instrumento SDQ é possível afirmar que não existem diferenças entre pais e mães na perceção das capacidades e dificuldades dos filhos. Este resultado é semelhante ao de Vitorino (2013) que não encontrou diferenças entre pais e mães. A única diferença a registar entre as respostas do casal surge na subescala “Comportamento Pró-social”, isto é, os pais tendem a perceber menos comportamento pró-social nos filhos do que as mães. Também foi possível concluir que os pais ao percecionarem os filhos como tendo um elevado comportamento pró-social, atribuem-lhes menos problemas de comportamento, menos hiperatividade e menos problemas de relacionamento com os pares.

Já no que diz respeito à perceção das capacidades e dificuldades dos filhos de acordo com o sexo dos mesmos foi possível concluir que existem, de facto, diferenças na perceção dos pais relativamente à hiperatividade e ao comportamento pró-social, isto é, os pais percecionam os filhos rapazes como sendo mais hiperativos que as raparigas e percecionam as raparigas como tendo mais comportamento pró-social do que os rapazes. Também Riso et al. (2010), observaram que as raparigas eram percebidas pelos pais como tendo mais “Comportamento pró-sociais” do que os rapazes e estes últimos como tendo mais comportamentos de hiperatividade, indo ao encontro aos resultados obtidos no presente estudo.

Após análise das subescalas do SDQ com as variáveis sociodemográficas pudemos concluir que quanto mais velha for a criança, quantos mais rendimentos tiver a

família e quanto maior for a idade da mãe, mais os pais tendem a perceber os filhos com menos sintomas emocionais, menos problemas de comportamento, menos hiperatividade e menos problemas de relacionamento com os pares. Também foi possível concluir que quanto mais comportamento pró-social os pais atribuem ao filhos menos conferem aos mesmos problemas de comportamento, hiperatividade e problemas de relacionamento com os pares. Também no estudo de Riso et al. (2010) a cima referido, foram encontrados os mesmos resultados que o presente estudo no que concerne à idade da criança, afirmando que os “Problemas com os pares” diminuíram significativamente com o avanço da idade.

Por último, observámos diferenças na perceção das dificuldades dos filhos consoante o grau académico dos pais. Os pais com o Ensino Básico relatam mais problemas de relacionamento com os pares nos filhos, por oposição aos pais com o Ensino Secundário e com o Ensino Universitário. Estes resultados são similares aos do estudo de Mieloo et al. (2012) que também observou que a subescala “Problemas de relacionamento com pares” e a subescala total das dificuldades apresentaram valores mais elevados nos pais com nível académico mais baixo.

Analisar as relações entre as competências parentais percebidas e as capacidades e dificuldades dos filhos

Como terceiro e último objetivo do presente estudo, quisemos analisar as relações entre as competências parentais percebidas e a perceção das capacidades e dificuldades dos filhos.

Assim, tanto a eficácia parental como a satisfação parental apenas se relacionaram significativa e negativamente com os problemas de comportamento e hiperatividade das crianças. Desta forma, concluiu-se que quanto mais os pais se percecionam eficazes e satisfeitos no seu exercício parental menos problemas de comportamento e hiperatividade tendem a percecionar nos filhos. O estudo de Scott (2009) encontrou resultados semelhantes, uma vez que também concluiu que pais mais satisfeitos estão negativamente relacionados com problemas de comportamento nos filhos.

De acordo com Ladd e Asher (1985, cit. in Lopes, Rutherford, Cruz, Mathur & Quinn, 2006) as crianças que apresentam comportamentos pró-sociais são crianças cujos pais se mostram mais atentos e eficazes. Determinadas práticas parentais, ao suscitarem

o desenvolvimento da satisfação parental estão também a estimular uma orientação positiva dos filhos relativamente aos outros.

Já Johnston (1996) tinha sugerido que os problemas de comportamento em crianças em idade pré-escolar estava associada a níveis mais baixos da perceção de competência parental. Também Ohan, Leung e Johnston, (2000) observaram uma relação negativa entre a satisfação parental e os comportamentos problemáticos das crianças o que vem dar suporte aos resultados encontrados no presente estudo.

VIII. Conclusões

A parentalidade é uma das fases mais gratificante da vida adulta, no entanto supõe um desafio para os pais quer a nível social, intelectual quer a nível emocional, acabando por se tornar numa das tarefas mais exigentes que têm de enfrentar.

Concluindo, com o presente estudo é possível salientar diversas informações acerca das perceções dos pais. De acordo com o primeiro grande objetivo estruturado neste estudo, no que diz respeito às competências parentais (satisfação e eficácia parental) não se verificaram diferenças entre pai e mãe. De seguida, fazendo referência ao segundo grande objetivo, no que concerne à perceção que os mesmos têm acerca das capacidades e dificuldades dos filhos conclui-se, igualmente, que pai e mãe não apresentam diferenças entre si. Por fim, e respondendo ao terceiro grande objetivo deste estudo, é possível afirmar que existe relação entre as competências parentais percebidas e as capacidades dos filhos, isto é, quanto mais satisfeitos e eficazes os pais se sentem, menos problemas tendem a atribuir aos filhos. Os resultados do presente estudo deixam, assim, informação importante a ter em conta aquando a estruturação de cursos, programas e estratégias que potenciem as competências parentais, pois revela que é no sentido do trabalho com os pais que mais se deve apostar pois, desta forma, acabará por influenciar todo o bom desenvolvimento da criança.

Limitações e futuros estudos

É possível ser apontado ao presente estudo algumas limitações sendo que os resultados deste estudo devem ser interpretados tendo-os em atenção.

Desta forma, como primeira limitação é apontado o extenso tamanho dos questionários que pode ter gerado nos participantes algum desinvestimento, em vários momentos.

Salienta-se como segunda limitação o facto de o estudo prender-se exatamente às perceções dos pais que, apesar de cumprirem a sua função na recolha de informação sobre as perceções, estas podem não refletir a realidade. Deste modo, principalmente no que diz respeito às capacidades e dificuldades dos filhos seria adequado, num estudo futuro, existir também dados que reportem a perceção dos próprios filhos, sendo assim possível existir uma comparação entre as duas perceções apurando em que medida vão ao encontro uma à outra, diminuindo o possível viés do estudo. Por outro lado, existe também a possibilidade de algumas respostas terem sido dadas de acordo com a desejabilidade

social, isto é, os pais podem ter tido tendência a responder de acordo com a ideia que têm do que é correto e esperado pela sociedade e não com o que realmente sentem/pensam, nomeadamente quando confrontados com questões relativas às suas competências parentais. Em investigações similares seria também pertinente englobar instrumentos que incluam a avaliação por parte de outros profissionais, como por exemplo, os professores.

Outra das limitações prende-se com as características da população em estudo, pois é em grande escala composta por famílias biparentais e intactas. Assim, seria tão pertinente quanto interessante num futuro estudo tentar englobar uma maior percentagem de casais divorciados, pois também seria bastante interessante conhecer a perspetiva desses pais em relação às suas competências parentais bem como a perceção que têm das capacidades e dificuldades dos filhos, podendo até ser possível existir uma comparação entre pais que estejam casados e pais divorciados. Assim, novos estudos com uma amostra mais diversificada poderá vir a esclarecer melhor outras possíveis questões.

Apesar das limitações aqui descritas, espera-se que o presente estudo seja um contributo na área da parentalidade e que através dele seja possível o suscitar de mais questões que abram portas a novas investigações, fazendo com que esta área que aborda o tema da família seja cada vez mais compreendida e completa.

IX. Referências Bibliográficas

- Amazonas, M., Damasceno, P., Terto, L., & Silva, R. (2003). Arranjos Familiares de Crianças das Camadas Populares. *Psicologia Em Estudo*, 8, 11–20.
- Ayala-Nunes, L., Lemos, I. & Nunes, C. (2012). Predictores del estrés parental en madres de famílias en riesgo psicossocial. *Universitas Psychologica*, 13 (2), 529, 539.
- Bandura, A. (1989). Regulation of Cognitive Processes Through Perceived Self - Efficacy. *Developmental Psychology*, 25(5), 729–735.
- Baptista, M. N., Baptista, A., & Dias, R. (2001). Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes. *Psicologia : Ciência e Profissão*, 21 (2), 1–9.
- Barroso, R., & Machado, C. (2010). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, 52 (1), 211–229.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55 (1), 83-96.
- Belsky, J. & Jaffee, S. (2006). The multiple determinants of parenting. In D. Cicchetti & D. Cohen (Eds), *Developmental psychopathology* (2º ed., pp.38-77). New York: Wiley.
- Bogensneider, K., Small, S., & Tsay, J. (1997). Child, parent, and Contextual Influences on Perceived Parenting Competence Among Parents of Adolescents. *Journal of Marriage and the Family*, 59 (2), 345–362.
- Bradley, R.H. (2007). Parenting in the breach: How parents help children cope with developmentally challenging circumstances. *Parenting: Science & Practice*, 7, 99-148.
- Brites, R., & Nunes, O. (2015). Uma Nova Escala De Auto-Eficácia Parental : Estudos Sobre Validação. In *Actas do Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, (pp.553-567). Universidade do Minho.
- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (2003). Maternal Self-efficacy Beliefs, Competence in Parenting, and Toddlers' Behavior and Developmental Status. *Infant Mental Health Journal*, 24 (2), 126–148.

- Dessen, M. A., & Polonia, C. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17 (36), 21-32.
- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Verissimo, M. & Santos, A. J. (2014). Percepção de Competência Parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 2 (33), 145–156.
- Fleitlich, B., Loureiro, M., Fonseca, A., & Gaspar, M. F. (2005). Questionário de Capacidades e de Dificuldades (SDQ-Por) [Strengths and Difficulties Questionnaire—Portuguese version]. Consultado em: <http://portefolio-mpap.webnode.pt/escala-sdq/>
- Freisthler, B., Merritt, D., & LaScala, E. (2006). Understanding the ecology of child maltreatment: a review of the literature and directions for future research. *Child Maltreatment*, 11 (3), 263-280.
- Goodman, R. (2001). Psychometric Properties of the Strengths and Difficulties Questionnaire. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 40(11),1337-1345.
- Hill, N. E., & Bush, K. R. (2001). Relationships Between Parenting Environment and Children's Mental Health among African American and European American Mothers and Children. *Journal of Marriage and the Family*, 63, 954–966.
- Hoghughi, M. (2004) Parenting: an introduction. In Hoghughi, M. & Long, N. (Eds.), *Handbook of Parenting: theory and research for practice*. (pp.1-19). London: Sage Publications.
- Houseknecht, S. K. & Hango, D. W. (2006). The Impact of Marital Conflict and Disruption on Childrens Health. *Youth & Society*, 38, (1) 58-89.
- Huh, D., Tristan, J., Wade, E., & Stice, E. (2006). Does problem behavior elicit poor parenting? A prospective study of adolescent girls. *Journal of Adolescent Research*, 21 (2), 185-204.

- Johnston, C. (1996). Parent Characteristics and Parent-Child Interactions in Families of Nonproblem Children and ADHD Children with Higher and Lower Levels of Oppositional-Defiant Behavior. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 24 (1), 85-104.
- Johnston, C. & Mash, E. J. (1989). A Measure of Parenting Satisfaction and Efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology*, 18 (2), 167-175.
- Jones, T. L., & Prinz, R. J. (2005). Potential roles of parental self-efficacy in parent and child adjustment: A review. *Clinical Psychology Review*, 25(3), 341–363.
- Lopes, J.A., Rutherford, R.B., Cruz, M.C., Mathur, S.R. & Quinn, M.M. (2006). *Competências Sociais: Aspectos Comportamentais, Emocionais e de Aprendizagem (1º ed.)*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- López, M. J. R., Quintana, J. C. M., Casimiro, E. C., & Chaves, M. L. M (2009). Parental Competences in Psychosocial Risk Context. *Psychosocial Intervention*, 18 (2), 113–120.
- McLloyd, V. C., & Wilson, L. (1992). Telling them like it is: The role of economic and environmental factors in single mothers' discussions with their children. *American Journal of Community Psychology*, 20 (4), 419-444.
- Meunier, J.C., & Roskam, I. (2008). Self-Efficacy Beliefs Amongst Parents of Young Children : Validation of a Self-Report Measure. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 495-511.
- Mieloo, C., Raat, H., Oort, F., Bevaart, F., Vogel, I., Donker, M. & Jansen, W. (2012). Validity and reliability of the strengths and difficulties questionnaire in 5-6 year olds: differences by gender or by parental education? *Plos One*, 7 (5), e36805.
- Montigny, F., & Lacharité, C. (2005). Perceived parental efficacy: Concept analysis. *Journal of Advanced Nursing*, 49(4), 387–396.
- Nunes, C., Jiménez, L., Menéndez, S., Ayala-Nunes, L. & Hidalgo, V. (2014). Psychometric properties of na adapted version of the parental sense of competence (PSOC) scale for Portuguese at-risk parents. *Child and Family Social Work*, 21 (4) 433-441.

- O'Connor, T. (2006). The persisting effects of early experiences on psychological development. In D. Cicchetti & D. Cohen, *Developmental Psychopathology* (2^oed., Vol.1, pp. 202-234). Hoboken: John Wiley & Sons.
- Ohan, J. L., Leung, D. W. & Johnston, C. (2000). The Parenting Sense of competence scale: evidence of a stable factor structure and validity. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 32 (4), 251-261.
- ONU/UNICEF (1990). Convenção sobre os Direitos da Criança. New York: UNICEF.
Consultado em :
https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf
- Papp, L., Goeke-Morey, M., & Cummings, E. M. (2004). Mothers and Fathers Psychological Symptoms and Marital Functioning: Examination of Direct and Interactive Links With Child Adjustment. *Journal of Child and Family Studies*, 13, (4) 469-482.
- Riso, D. Di, Salcuni, S., Chessa, D., Raudino, A., Lis, A., & Altoè, G. (2010). The Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ). Early evidence of its reliability and validity in a community sample of Italian children. *Personality and Individual Differences*, 49(6), 570–575.
- Salonen, A. H., Kaunonen, M., Asted-kurki, P., Jarvenpaa, A., Isoaho, H., & Tarkka, M.-T. (2009). Parenting self-efficacy after childbirth. *Journal of Advanced Nursing*, 65 (11), 2324-2336.
- Seabra-Santos, M. J., Major, S., Pimentel, M., Gaspar, M.F., Antunes, N. & Roque, V. (2015). Escala de Sentido de Competência parental (Psoc): estudos psicométricos. *Avaliação Psicológica*, 14 (1), 97-106.
- Scott, S. L. (2009). Predicting Childrens's Emotional and Behavioral Functioning: Na Examination of Coparenting and Parental Satisfaction (Dissertação de mestrado). Disponível em:
http://etd.fcla.edu/CF/CFE0002784/Scott_Samantha_L_200908_MS.pdf
- Sousa e Silva, C. & Carneiro, M. (2014). Adaptação à parentalidade: o nascimento do primeiro filho. *Revista de Enfermagem Referenci*, 4 (3), 17-26.

- Stallard, P. (1996). The role and use of consumer satisfaction surveys in mental health services. *Journal of Mental Health*, 5 (4), 333-348.
- Teti, D.M., & Gelfand, D. M (1991). Behavioral competence among mothers of infants in the first year: The mediational role of maternal self-efficacy. *Child Development*, 62(5), 918–929.
- Vitorino, M. (2013). Iguais na diferença: comparação entre famílias adotivas e biológicas relativamente à perceção das capacidades e dificuldades dos filhos e estilos de vinculação. (Dissertação de Mestrado) Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10449/1/ulfpie046364_tm.pdf

ANEXOS

Nº: _____



Bem-estar das crianças e das famílias no Algarve

Pedimos que leia as instruções e responda a todas as perguntas de forma espontânea e sincera, de acordo como aquilo que faz, sente ou pensa. Não existem respostas corretas ou erradas, o que nos interessa é a sua opinião. Por favor, responda a todas as questões com o máximo de veracidade e não deixe respostas em branco.

AGRADECEMOS DESDE JÁ A SUA COLABORAÇÃO!

A pessoa que irá preencher este questionário é:

Mãe

Pai

Gostaríamos de conhecer o seu filho.

O seu filho tem ____ anos, e é:

- Um rapaz
- Uma rapariga

O seu filho tem algum problema de saúde?

- Não
- Sim. Qual? _____

Em que ano escolar está o seu filho? _____ Até hoje quantos anos reprovou? _____

Em relação à escola, considera que o seu filho está?

- Nada adaptado
- Pouco adaptado
- Adaptado
- Bastante adaptado
- Muito adaptado

Habitualmente o seu filho é:

Alegre	_ _ _ _ _ _ _	Triste
Muito Birrento	_ _ _ _ _ _ _	Nada Birrento
Nada Chorão	_ _ _ _ _ _ _	Muito Chorão

Em geral, como é a saúde do seu filho:

- Excelente
- Muito boa
- Boa
- Má
- Muito má

O seu filho toma alguma medicação?

- Não
- Sim. Qual? _____

O seu filho foi a alguma consulta com o psicólogo ou o psiquiatra?

- Sim
- Não

O seu filho tem algum dos seguintes problemas?

- Problemas de visão
- Problemas de audição
- Hiperatividade/Deficit de Atenção
- Atraso na linguagem
- Atraso cognitivo
- Limitação física

Gostaríamos de conhecer como é a sua família.

O seu filho vive com as seguintes pessoas:

- Mãe Pai Irmãos Avós Outros

Quantas pessoas vivem habitualmente na sua casa? _____.

O seu filho tem _____ irmãos, que têm as seguintes idades: ____/____/____/____/_____

Estado civil dos pais:

- União de facto Casados Divorciados/Separados Solteira(o) Viúva(o)

Idade da mãe: _____ anos. Onde nasceu? _____.

É imigrante?

- Não
 Sim. Há quantos anos vive em Portugal? _____ anos.

Nível de estudos que a mãe completou:

- Nenhum 1º Ciclo 2º Ciclo 3º Ciclo Ensino Secundário ou Profissional Ensino Universitário

Profissão da mãe: _____. Atualmente está:

- Ativa e trabalha todo o ano. Ativa mas trabalha só alguns meses no ano.
 Ativa e desempregada. Há quanto tempo? _____. Inativa (Dona de casa / Não procura trabalho).

Idade do pai: _____ anos. Onde nasceu? _____.

É imigrante?

- Não
 Sim. Há quantos anos vive em Portugal? _____ anos.

Nível de estudos que o pai completou:

- Nenhum 1º Ciclo 2º Ciclo 3º Ciclo Ensino Secundário ou Profissional Ensino Universitário

Profissão do pai: _____. Atualmente está:

- Ativo e trabalha todo o ano. Ativo mas trabalha só alguns meses no ano.
 Ativo e desempregado. Há quanto tempo? _____. Inativo (Não procura trabalho).

Os rendimentos da família (incluindo os apoios e subsídios que recebem) são _____ € por mês.

PSOC

(Johnston & Mash, 1989)

Em seguida apresentam-se 16 frases que procuram descrever os seus sentimentos sobre ser mãe ou pai. Por favor, leia atentamente cada frase e assinale em que medida crê que refletem o que sente, elegendo entre as seguintes opções:

	Não, totalmente em desacordo	Em desacordo	Desacordo em parte	Acordo em parte	De acordo	Sim, totalmente de acordo
1. Apesar de ser difícil, eu já sei como se pode influenciar os filhos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. Com a idade que o meu filho tem, ser mãe não é agradável.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Nas coisas que têm que ver com os meus filhos, deito-me como me levanto, com a sensação de não ter terminado nada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Não sei porquê mas, embora como mãe ache que controlo a situação, às vezes sinto como se a situação me controlasse a mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. A minha mãe (O meu pai) estava melhor preparada(o) do que eu para ser uma boa mãe (bom pai).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Eu era capaz de dizer a uma mulher (um homem) que vai ser mãe (pai) pela primeira vez o que tem que fazer exatamente para ser uma boa mãe (bom pai).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Ser mãe (pai) é algo que se leva a bom termo, e os problemas são fáceis de resolver.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Uma das coisas mais difíceis de ser mãe (pai) é saber que estamos ou não a fazer bem as coisas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Como mãe (pai), às vezes sinto que não consigo fazer nada.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Consegui ser tão boa mãe (pai) como queria.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Se há alguém que sabe o que aflige o meu filho, sou eu.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Gosto mais e sou melhor a fazer outras coisas do que ser mãe (pai).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Tendo em conta o tempo em que sou mãe (pai), sinto-me à vontade com estas coisas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Se ser mãe (pai) fosse um pouco mais interessante, estaria mais motivada para fazê-lo melhor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Para ser sincera, penso que sou capaz de fazer todas as coisas que fazem falta para ser uma boa mãe (bom pai).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Ser mãe (pai) põe-me nervosa (o) e ansiosa(o).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

SDQ (Goodman, 1997, 2001)

Pense no comportamento do seu filho nos últimos seis meses e marque com uma cruz a resposta que lhe parece mais correta. Responda a tudo o melhor que puder, mesmo que não tenha a certeza absoluta ou que a afirmação lhe pareça estranha.

	Não é verdade	É um pouco verdade	Totalmente verdade
1. O meu filho é sensível aos sentimentos dos outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2. É irrequieto, muito mexido, nunca para quieto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Queixa-se frequentemente de dores de cabeça, dores de barriga ou vómitos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4. Partilha facilmente com as outras crianças (guloseimas, brinquedos, lápis, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5. Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6. Tem tendência a isolar-se, gosta mais de brincar sozinho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Obedece com facilidade, faz habitualmente o que os pais lhe mandam	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Tem muitas preocupações, parece sempre preocupado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9. Gosta de ajudar se alguém está magoado, aborrecido ou doente	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10. Não sossega. Está sempre a mexer as pernas ou as mãos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11. Tem pelo menos um bom amigo ou uma boa amiga	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Luta frequentemente com as outras crianças, ameaça-as ou intimida-as	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13. Anda muitas vezes triste, desanimado ou choroso	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. Em geral as outras crianças gostam dele	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15. Distrai-se com facilidade, está sempre com a cabeça no ar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. Em situações novas é receoso, muito agarrado e pouco seguro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17. É simpático e amável com crianças mais pequenas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18. Refila frequentemente com os adultos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19. As outras crianças metem-se com ele, ameaçam-no ou intimidam-no	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20. Sempre pronto a ajudar os outros (pais, professores, outras crianças)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21. É capaz de parar e pensar antes de fazer as coisas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
22. Pode ser mau para os outros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
23. Dá-se melhor com adultos do que com outras crianças	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
24. Tem muitos medos, assusta-se com facilidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
25. Geralmente acaba o que começa, tem uma boa atenção	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>